



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS (CEEL)
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

MILENE CRISTINE DINIZ CARVALHO

A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA:

Problematizando o uso da música como recurso pedagógico no ensino de Sociologia a partir dos livros didáticos adotados em escolas públicas de Ensino Médio em Bacabal – MA

BACABAL
2021

MILENE CRISTINE DINIZ CARVALHO

A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA:

Problematizando o uso da música como recurso pedagógico no ensino de Sociologia a partir dos livros didáticos adotados em escolas públicas de Ensino Médio em Bacabal – MA

Monografia de Conclusão de curso, apresentada à Coordenadoria do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Cristine Diniz Carvalho, Milene.

A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA: Problematizando o uso da música como recurso pedagógico nos livros didáticos de Sociologia a partir de Bacabal-MA / Milene Cristine Carvalho. - 2021.

80 f.

Orientador(a): Wheriston Silva Neris.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2021.

1. Aprendizagem. 2. Ensino. 3. Ensino Médio. 4. Música. 5. Sociologia. I. Silva Neris, Wheriston. II. Título.

MILENE CRISTINE DINIZ CARVALHO

A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA:

Problematizando o uso da música como recurso pedagógico no ensino de Sociologia a partir dos livros didáticos adotados em escolas públicas de Ensino Médio em Bacabal – MA

Monografia de Conclusão de curso, apresentada à Coordenadoria do Curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciada em Licenciatura em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wheriston Silva Neris

Aprovada em ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wheriston Silva Neris (Orientador)

Doutor em Sociologia

Profa. Dra. Maria José dos Santos

Doutora em Educação

Profa. Dra. Ceália Cristine dos Santos

Doutora em Geografia

Dedico este trabalho primeiramente a Deus pois foi aonde encontrei força e fé para não desistir como também a minha família que sempre me apoiou diante de todas as dificuldades que encontrei durante a minha trajetória nos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e por tantas outras conquistas que me deste como minha família e meu filho que hoje é a minha inspiração para seguir em frente.

Aos meus pais que são Déa Diniz e Teodoro Carvalho, que tanto me deram amor, carinho, atenção, abrigo, força, coragem, para que eu não desistisse da vida, hoje agradeço pelos puxões de orelha em que ambos me deram, pois sem isso não chegaria a concluir meus estudos e ser a pessoa que sou hoje.

Aos meus irmãos como Márcio Bruno, Márcia Rafaela e Milena Diniz que cresceram comigo na humildade, perseverança e no amor, todos estiveram comigo em momentos difíceis e alegres, a eles, toda a minha gratidão.

Ao meu marido Marcelo Vitor que se tornou meu companheiro da vida e que esteve comigo nos momentos mais difíceis na minha volta à Universidade após o nascimento do nosso filho, incentivando-me a concluir o curso, como também esta monografia, obrigada amor, por todo o carinho.

Ao meu filho Arthur Diniz, que me enche de alegria todos os dias da minha vida, pois é minha inspiração, meu tudo, sem você eu não sou nada, que Deus me dê saúde para que possa criá-lo na paz, no amor e na alegria, te amo filho.

Ao meu orientador Professor Wheriston Silva Neris que mesmo em meio a pandemia me deu atenção, orientação, dicas e tirou todas as minhas dúvidas para que chegasse no fechamento deste trabalho, a ele, toda minha gratidão também.

A todos os meus amigos da vida e amigos da Universidade que me acompanharam durante o curso e que levarei comigo em meu coração, como também a todos os professores que fazem parte desta Universidade, compartilhando conhecimentos e contribuindo para o crescimento de novos professores para a sociedade.

Agradeço a toda a família e amigos e que Deus abençoe a todos!

RESUMO

Este trabalho se constitui em uma proposta de ensino aplicada à disciplina de Sociologia com o uso da ferramenta musical, que toma por título: “A MÚSICA E O ENSINO DA SOCIOLOGIA: Problematizando o uso da música como recurso pedagógico no ensino de Sociologia a partir dos livros didáticos adotados em escolas públicas de Ensino Médio em Bacabal – MA”. Tendo como base as discussões levantadas ao longo da pesquisa, apontamos possíveis formas de inserir a música no ensino da Sociologia, como em abordar estrategicamente questões que são pertinentes a disciplina, através do método sociológico de análise. Deste modo, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de materiais publicados em artigos, dissertações e livros, dentre eles, o material didático Sociologia- Hoje, com vigência entre o ano de 2015-2017 aprovado pelo Programa Nacional do livro Didático- PNLD, como também, dos autores que tem fundamentação sobre a prática pedagógica, além do embasamento teórico-metodológico acerca do uso da música em sala de aula. Na busca de explorar o conteúdo junto ao recurso, optamos por descrever e analisar letras de músicas nacionais e até regional, a fim de propiciar a abordagem de temas voltados ao ensino da Sociologia, como também, enriquecer as práticas da sala de aula para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVES: Sociologia. Música. Ensino. Aprendizagem. Ensino Médio.

ABSTRACT

This work constitutes a teaching proposal applied to the discipline of Sociology with the use of the musical tool, which takes the title: “MUSIC AND THE TEACHING OF SOCIOLOGY: Problematizing the use of music as a pedagogical resource in the teaching of Sociology from books didactics adopted in public high schools in Bacabal - MA”. Based on the incentive raised throughout the research, we point out possible ways of inserting music in the teaching of Sociology, such as strategically addressing issues that are important to the discipline, through the sociological method of analysis. Thus, the bibliographic research method was used, developed from materials published in articles, dissertations and books, among them, the teaching material Sociology-Today, valid between 2015-2017 approved by the National Textbook Program- PNLD, as well as the authors who have foundations on the pedagogical practice, in addition to the theoretical-methodological foundation about the use of music in the classroom. In the search for the best way to explore the content along with the resource, we chose to describe and analyze the lyrics of national and even regional songs, in order to provide the approach of themes related to the teaching of Sociology, as well as to enrich the practices of the classroom. class for the integral development of the owners.

KEYWORDS: Sociology. Song. Teaching. Learning. High school

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livro Sociologia Hoje	46
Figura 2 – Página 94 do livro Sociologia Hoje	50
Figura 3 – Página 343 do livro Sociologia Hoje	55
Figura 4 – Página 166 do livro Sociologia Hoje	60
Figura 5 – Capa do álbum Festa do cantor Zé Lopes	65

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	SOCIOLOGIA E MÚSICA: O contexto histórico da Sociologia e a sua formação disciplinar no currículo escolar	13
2.1	O surgimento da Sociologia enquanto disciplina científica.....	13
2.2	A consolidação da disciplina de Sociologia no Brasil.....	18
2.3	A Música como um recurso de ensino nas salas de aulas.....	22
3	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) E O ENSINO DE SOCIOLOGIA E MÚSICA	26
3.1	A música nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e seus concernentes ao ensino da Sociologia	26
3.2	A história da Música e o seu ensino	31
3.3	Competência e habilidades na formação dos professores de Sociologia	35
3.4	As dificuldades docente no uso da música brasileira em aulas de Sociologia ..	39
4	A MÚSICA NO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA: explorando seus limites e potencialidades	43
4.1	O livro didático e suas contribuições para o ensino	43
4.2	Análise do livro didático <i>Sociologia Hoje</i>: estudo de caso	46
4.3	Análise das letras de música do livro <i>Sociologia Hoje</i>.....	49
4.3.1	Etnia (Chico Science e Nação Zumbi)	50
4.3.2	Comida (Titãs)	55
4.3.3	Capitão de Indústria (Paralamas do Sucesso)	60
4.4	Música, história e memória de Bacabal: uma proposta de atividade	65
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

O trabalho tem como abordagem o ensino na atualidade e a necessidade de uma renovação metodológica para tornar mais eficiente o processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, buscamos enfatizar a dinamização no ensino por meio de outras linguagens que permitem mais interação em sala de aula para se atingir o conhecimento. Deste modo, iremos abordar o ensino da Sociologia, onde se trata de uma área de conhecimento que ajuda o indivíduo a compreender a sociedade como um todo, pois “os quadros de realidades sociais que nos descrevem as Ciências Sociais, em geral, e a Sociologia, em particular, têm primeiramente, como ambição produzir conhecimento o mais racional e justo possível do estado do mundo social” e que também “desempenha um papel crucial para a vida coletiva e para a formação de cidadãos nas sociedades democráticas” (LAHIRE, 2014, p.45; p.50). Portanto, a Sociologia, se baseia no estudo dos fenômenos sociais. No intuito de refletirmos sobre a prática docente e de criar possibilidades na melhoria do ensino-aprendizagem, partiremos do seguinte problema: Como a música pode ser um recurso dinamizador no processo de ensino-aprendizagem na Sociologia?

Dentro de um processo histórico, sabemos que a música já está inserida há muito tempo na sociedade, como também passou a fazer parte do processo de ensino de um modo em geral e em particular no ensino da Sociologia. Contudo esse processo não é tão comum e precisa ser melhor analisado. Diante deste fato, este trabalho tem a função de mostrar que por meio da música pode haver grandes mudanças no objetivo de tornar as aulas mais atrativas por meio de letras de músicas que destacam assuntos relativos à disciplina. A inserção da música na sala de aula pode melhorar o aprendizado dos alunos.

Nesse sentido, o objetivo principal do presente trabalho é explorar as intersecções entre Ensino de Sociologia, Música e formação cidadã, recorrendo à análise dos modos como a música é discutida no livro *Sociologia-Hoje*, com autoria de Igor José de Reno Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros. Inscrito, pois, no processo de renovação dos estudos sobre o papel do Ensino e da Didática na Sociologia, dialogamos com uma série de autores que têm colocado o acento sobre a importância das músicas como recurso significativo para discussão de conceitos, temas e problemas caros à transmissão dos conhecimentos próprios ao universo das Ciências Sociais e Humanas.

Desse modo, a música passa a ser muito enfatizada enquanto uma ferramenta para uso escolar, pois “a música brasileira é rica em abordagens de questões do dia a dia, próximas

dos alunos, fato que seduz o professor de Sociologia a utilizá-la em sua prática docente”. (BODART, 2012, p.14). E quando aplicada ao livro didático torna-se perceptível que “as instituições educacionais também se utilizam da música como recurso didático. Nesse sentido, é possível perceber a apropriação desse artefato cultural pela produção dos livros didáticos, principalmente daqueles produzidos para as disciplinas da área das humanidades” (MOLIN, 2016, p.01).

Logo, podemos pensar em outro aspecto que “a música muitas vezes é a única forma de expressão artística com a qual os alunos têm ou tiveram contato. Somado a isto temos o fato de que a música tem um baixo custo, pode ser usada em qualquer escola, tanto em uma escola particular, ou em uma escola que possui uma limitação de recursos” (COMIM; MOURAD, 2015, p.09).

Como visto nestes trabalhos, não restam dúvidas quanto ao potencial pedagógico da exploração das relações entre obras artísticas variadas e bens/experiências culturais que participam do próprio universo da vida dos estudantes, e cuja exploração pode ser favorável não apenas para o engajamento destes no processo de ensino-aprendizagem, como também para pensar o próprio lugar da sociologia no atual contexto. Nessa perspectiva, ao professor/pesquisador interessado por essa temática, surgem uma série de desafios, a começar pela própria escassez de produções bibliográficas abordando o tema. Porém, em não havendo dissuasão, é toda uma agenda de pesquisas que entra em questão: “a análise da utilização da música nos livros didáticos, em projetos interdisciplinares, projetos de extensão ou oficinas ou na análise do currículo, oficial ou oculto” (MOLIN, 2020, p. 250).

Além da implicação pessoal ligada a música, a escolha pelo objeto também se deu pelo fato de que faz parte da vida de todas as pessoas independente da classe social ou da etnia. Além de expor elementos que se conectam a realidade de todos, a música faz parte da cultura em geral, que, de certa forma, contribui na interação social por obter uma combinação harmoniosa ao ser expressada por sons, atingindo de forma intensa a todos os indivíduos. O apreço por esta arte está na expressão dos sentimentos e pensamentos positivos que adquirimos por estar em todo lugar. Sendo assim, pode estar contribuindo também na educação, como na Sociologia, pois as canções podem aflorar o lado crítico do aluno na sala de aula, agindo como uma ferramenta facilitadora na aprendizagem e estimuladora na participação e interação no ensino.

Portanto, o trabalho corresponde à divisão de três capítulos. O primeiro capítulo expõe um breve estudo sobre o contexto histórico sociológico do surgimento da Sociologia

como uma disciplina acadêmica. Neste caso, serão discutidas as relações entre Sociologia e Música, usando como embasamento teórico tanto os escritores clássicos quanto os contemporâneos da Sociologia, na busca de aspectos que dizem respeito à renovação do interesse pela Música como objeto de conhecimento e as possíveis aproximações de seus problemas para fins pedagógicos.

O segundo capítulo aborda o lugar da música nos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, paralelo ao Ensino da Sociologia no Ensino Médio. Deste modo, com base na sua história e seu significado, teremos como objetivo mostrar a importância da sua utilização no meio escolar que contribui de forma eficaz sobre o ensino de todas as áreas. Como desfecho deste capítulo, iremos apresentar elementos que se ligam ao funcionamento das práticas que devem ser adotadas por professores atuantes na área das Ciências Humanas, em especial, no Ensino da Sociologia, pautando nas competências e habilidades que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

Já o último capítulo consiste na análise de detalhes sobre a forma em que a música se emprega como um recurso para a construção do conhecimento, no livro *Sociologia Hoje*. Entre as diversas opções disponíveis de livros no mercado, optou-se pela análise deste, tanto pelo fácil acesso, dado ao seu uso nas escolas locais de Bacabal, como também pelo fato de que parece ser, entre os livros aprovados pelo PNLD entre 2015 e 2017, aquele que se emprega de forma intensiva ao esforço de análise ao que empreendemos nesta monografia. Sendo assim, teremos a descrição de letras e escolhas operadas pelos autores do livro, a fim de compreender como se interligam os saberes da Sociologia e a sua transposição didática através da música.

É importante discutir sobre a educação, pois nos proporciona ampliar a nossa visão sobre a sociedade. Sendo assim, propomos a utilização da música, que sendo uma língua universal pode se transformar em uma ferramenta inovadora, como um recurso didático que facilitará o ensino da disciplina Sociologia. Diante destes aspectos, este trabalho tem o propósito de apresentar um melhor desenvolvimento da aplicação dos recursos didáticos em sala de aula, ou seja, apresentando a utilização da música no ensino da Sociologia como uma ferramenta de interação no processo ensino-aprendizagem do Ensino Médio.

CAPÍTULO I

2 SOCIOLOGIA E MÚSICA: O contexto histórico da Sociologia e a sua formação disciplinar no currículo escolar

O objetivo deste capítulo é explorar as relações entre Sociologia e Música com base nas concepções teóricas de vários autores da área. Desse modo, no primeiro tópico discutiremos o processo de evolução da Sociologia enquanto Ciência, como o seu surgimento, formação e desenvolvimento. O segundo tópico baseia-se na luta de inclusão e exclusão da Sociologia no Brasil como disciplina acadêmica. E por fim, no último, teremos a aplicação da Música no ensino da Sociologia como um recurso didático.

2.1 O surgimento da Sociologia enquanto disciplina científica

A sociologia durante o seu processo de evolução passou a ser compreendida como uma das manifestações do pensamento moderno e que vinha se constituindo em uma nova área do conhecimento ainda não inserida ao saber científico, ou seja, no mundo social. O seu surgimento se deu após o século XVIII, derivado de um processo de transformações na estrutura social e no modo de pensar e debater sobre a realidade. Vale ressaltar que três momentos se tornaram fundamentais durante o seu desenvolvimento, são eles: a Revolução Industrial, a Revolução Francesa e a Revolução Científica.

No primeiro momento, a Revolução Industrial (1760-1860) foi um acontecimento de ordem econômica dado pelo surgimento das máquinas, modificando totalmente as relações humanas e estabelecendo as novas classes sociais como a burguesia e o proletariado. Posteriormente, surgiu a Revolução Francesa (1789), acontecimento de ordem política na Europa, com a inserção de novos ideais políticos e com as novas formas de organização do poder, ficando consagrado o “Iluminismo”, que se compreendia na organização da cidade por meio da razão, como visto por filósofos da época o Francês Marie Arouet, o mais conhecido, como Voltaire (1694-1778), o teórico político de Genebra e escritor Jean- Jacques Rousseau (1712-1778) e o escritor francês Denis Diderot (1713-1784).

Uma mudança cultural já ocorria desde o Renascimento com o propósito de inserir o homem no lugar de Deus. Nesse cenário, o Iluminismo agiu agregando ao Renascimento a capacidade da razão humana, definindo-o como um ser totalmente maduro como destaca o

filósofo Immanuel Kant (1724-1804), aquele em que fundou uma nova teoria do conhecimento. A partir disso, pode-se considerar que o Iluminismo e o Renascimento foram fatos que influenciaram na ordem cultural, como na formação da Sociologia.

Dentre os pensadores da época no século XVIII, encontravam-se filósofos que buscavam transformar as velhas formas de pensamento na sociedade, como os iluministas com seus antecedentes que se identificavam como René Descartes (1596-1650) um filósofo físico e matemático francês, Francis Bacon (1561-1626) filósofo, político e cientista inglês e Thomas Hobbes (1588-1679) um matemático, teórico político e filósofo inglês. Estes se propunham a reelaborar as suas ideias e seus procedimentos, preferindo tomar como foco principal tanto o trabalho de Isaac Newton (1642-1727) filósofo e matemático britânico, que se baseava na observação e na experimentação, como também os demais estudiosos do século XVI, Galileu Galilei (1564-1642) um filósofo físico e astrônomo e Nicolau Copérnico (1473-1543) um filósofo polonês, astrônomo e matemático em vez do método da dedução de René Descartes (1596-1650) um filósofo e matemático francês.

O objetivo dos iluministas com seu estudo sobre as instituições da época era comprovar que estas se definiam como irracionais e injustas, indo contra a natureza humana dos indivíduos, desconsiderando sua liberdade. Eles, por sua vez, definiram o indivíduo como um ser dotado da razão que se destinava à igualdade social e à liberdade.

A intensa luta de classes e crises econômicas a partir da terceira década do século XIX na sociedade francesa, fez com que muitos pesquisadores da época tomados pelas mesmas concepções, tivessem a iniciativa de reestruturar o pensamento da época e assim tornar essencial a criação de uma nova ciência.

Surgindo como uma ciência no século XIX, muitos estudiosos pretendiam que a Sociologia compreendesse todos os fatos sociais, como de ordem política, econômica e cultural, ou seja, em uma só corporação com a ajuda do método experimental.

Dentre os intelectuais que atuaram na elaboração de teorias e métodos que constituem a base da Sociologia como uma teoria da modernidade, destaca-se o filósofo Auguste Comte (1798-1857) filósofo francês, responsável por ter dado nome a esta nova ciência que buscava justificar e resolver os conflitos sociais no intuito de harmonizar a vida entre os indivíduos e firmar o bem-estar social de acordo com método científico, com suas teorias baseadas no “positivismo”.

Embora Auguste Comte (1798-1857) o fundador da disciplina acadêmica de Sociologia não tenha desenvolvido um método que fortalecesse esta nova ciência, outros

autores vieram após este e contribuíram para o desenvolvimento da sociologia de acordo com suas teorias, dentre os quais podemos citar a tríade de autores clássicos das Ciências Sociais, composta pelos sociólogos: Émile Durkheim (1858-1917) um psicólogo francês, Max Weber (1864-1920) um economista alemão e Karl Marx (1818-1883) um historiador, economista e jornalista. Estes não são caracterizados desta forma apenas por ser uma tradição, mas por possuírem uma grande riqueza e profundidade teórica em suas obras. Estes autores apresentam, mediante as suas teorias, pontos de vista típicos e diferentes no que diz respeito à objetividade científica do entendimento sobre a vida social, garantindo assim grande destaque na área sociológica.

Émile Durkheim (1858-1917), um dos primeiros teóricos e colaboradores da Sociologia, apesar de ter se firmado em algumas ideias do filósofo francês Auguste Comte, veremos que dentre as suas teorias, firmava-se na teoria dos “fatos sociais” derivado das ações dos homens. Durkheim preocupava-se com a sociedade em que vivia e a que transcendia uma intensa marca capitalista, o mesmo contribuiu muito para tornar esta ciência como uma disciplina organizada por meio de suas aplicações e métodos em seus cursos e livros. Este sociólogo francês aplica também esta ciência na área acadêmica, dando sustentação a ela de forma absoluta com base no socialismo.

[...] eis, portanto, uma ordem de fatos que apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir, exteriores ao indivíduo, e que são dotadas de um poder de coerção em virtude do qual esses fatos se impõem a ele. Por conseguinte, eles não poderiam se confundir com os fenômenos orgânicos, já que consistem em representações e em ações; nem com fenômenos psíquicos, os quais só tem a existência na consciência individual e através dela. Esses fatos constituem, portanto, uma espécie nova, e é a eles que deve ser dada a qualificação de sociais (DURKHEIM, 2005 a, p.2).

Dessa forma, em sua visão a Sociologia não estuda a sociedade, a sociologia tem como objeto de estudos segundo o sociólogo Émile Durkheim, *tudo aquilo que for resultado do social* e sendo o objeto da Sociologia. Sendo assim, algo passível ao ser identificado na sociedade quando se torna um objeto de estudo específico.

As principais obras de Émile Durkheim se davam de acordo com as temáticas: *Divisão do trabalho social* (1893); *as regras do método sociológico* (1895); *o suicídio* (1897); *as formas elementares da vida religiosa* (1912); *a Educação e a Sociologia* (1922); *Sociologia e Filosofia* (1924); *a educação moral* (1925).

Já Karl Marx (1818-83) o revolucionário alemão tornou-se importante para o

desenvolvimento da Sociologia por ter estudos voltados para a economia. Marx postulava em sua teoria que a “luta de classes” e não a harmonia social, estabelecia uma verdade com mais clareza sobre a sociedade capitalista. Dessa forma, apontou meios para compreendermos as formas em que se realizavam a exploração, a divergência e a exclusão nos meios de trabalho, sendo algo totalmente diferente da Sociologia positivista que se firmava na solidariedade do indivíduo em meio a divisão social do trabalho. Portanto, tinha a concepção de uma sociedade socialista sem compra e venda de força de trabalho e sem o Estado como um órgão coordenador da sociedade.

A história de toda a sociedade até aqui é a história de “luta de classes”. [Homem] livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, burgueses de corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta. (MARX; ENGELS, 1997, p.69).

Assim, nos mostra que a história, até aqui, possui a tese de que o conflito entre as classes sociais se resultou em novas configurações socioeconômicas. As obras em que se trabalhou, caracteriza pelo: *O Manifesto Comunista* (1848); *Trabalho Assalariado e Capital* (1849); *Contribuição para uma crítica da economia política* (1859) *O capital* (1867); *Guerra Civil na França* (1871).

Por fim, completando o tripé desta ciência, tem-se o sociólogo alemão Max Weber (1864-1920). Seus estudos eram voltados para o campo da Economia do Direito, da Filosofia e da História, atentando de modo particular, para o processo da evolução do Capitalismo moderno que se diferenciava de outras formas de organização social, ou seja, estabelecendo uma divisão do mundo científico, baseando-se na investigação e na realidade do julgamento de valores. Em sua sociologia compreensiva tinha a concepção de uma sociedade ideal, com pontos de vista e de convicções radicais e havendo respeito entre as pessoas. “A sociedade pode ser compreendida como um conjunto organizado de ações individuais. As normas e regras sociais são todo tipo de ação que o indivíduo faz, orientando pela ação dos outros.” (WEBER, 2004, p.36).

As regras citadas por Weber (2004) não são simplesmente impostas aos indivíduos, pois elas vêm do indivíduo, ou seja, da sua relação com o outro. As principais obras de Karl Emil Maximilian Weber se davam com a temática: *A ética protestante e o espírito do capitalismo* (1904); *A ciência como vocação* (1917); *Economia e sociedade* (1920).

As teorias estabelecidas por estes intelectuais marcaram de forma decisiva a Sociologia até hoje, principalmente no que diz respeito às questões que se referem à estabilidade

da ordem política e social, configurando-se, portanto, numa ciência que se propunha a realizar modificações transformadoras na sociedade. Nesse sentido, a Sociologia se transfigura em uma prática disciplinada e organizada por um grupo de questões próprias em que se fundamentam no estudo sobre as relações sociais e na concentração das ações atuais.

A sociologia engloba um conjunto disciplinado de práticas, mas também representa considerável corpo de conhecimento acumulado ao longo da história. Essa ciência configura-se, assim, uma via de constante fluxo, e os novatos acrescentam ideias e estudos da vida social, às estantes originais. (BAUMAN e MAY, 1990, 2002, p.11-p.12).

Pode-se perceber que a Sociologia é uma Ciência que possui um objeto de estudo muito abrangente, que estuda a natureza, as causas e os efeitos das relações que se estabelecem entre os indivíduos organizados em sociedade, preocupando-se na explicação dos comportamentos sociais.

Dentro desse processo histórico da Sociologia como Ciência, direcionamos para a formação histórica da Sociologia como disciplina, que ao passar do tempo e com as teorias dos intelectuais da área, passou a ser considerada como uma prática disciplina dotada de um conjunto próprio de questões com as quais aborda o estudo da sociedade e das relações sociais.

A sociologia projeta a Educação no sentido de ser uma ferramenta de transformação social. É neste sentido que Émile Durkheim acreditava na educação como um conjunto de ações realizadas pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não atingiram a lei da maturidade para a vida social. Sendo assim, para Durkheim era importante associar à pedagogia a sociologia, no intuito de desenvolver na criança os estados físicos, morais e intelectuais como determinado pela sociedade.

Com a inclusão da Sociologia na área acadêmica e sendo notável desde os últimos séculos, o sociólogo alemão Norbert Elias expõe que a Sociologia permite que “tenhamos consciência de nós enquanto seres humanos entre outros seres humanos”. Pois, “a Sociologia trata de pessoas; as interdependências que ocorrem entre elas são o seu problema central” (ELIAS, 1980, p.109). Nesse contexto, a Sociologia com relação ao processo educativo em inserir o indivíduo no meio social, faz produzir a socialização e como resultado da interação social, surge a persuasão nos comportamentos humanos, no ato de inserir respectivos padrões sobre outros grupos sociais. Portanto, a Sociologia em seu processo de evolução

2.2 A consolidação da disciplina de Sociologia no Brasil

O campo das Ciências Sociais teve seu processo de Constituição e Consolidação no Brasil de forma perceptível na segunda metade do século XIX, se estendendo até meados do século XX. Foi neste período que se destacou a influência do movimento positivista na formação do projeto republicano e nos princípios da nação e da modernidade. Em decorrência disso, a Sociologia foi se caracterizando em um método teórico específico associado às Ciências Sociais e como uma disciplina acadêmica.

No aprofundamento teórico sociológico, dentre os intelectuais firmados nesta área e já citado anteriormente, se tem Émile Durkheim como influência nos anos de 1930, onde a Sociologia se torna vinculada à Pedagogia no Brasil e mostrando estar em evidência na formação docente.

Deste modo, “A história do ensino de Sociologia tem suas raízes no antigo curso normal secundário e a Sociologia só ingressou na academia como curso de formação específica em Ciências Sociais posteriormente”. (MEUCCI, 2000).

Após a proclamação da República houve várias tentativas no sentido de se introduzir Sociologia no currículo de curso secundário, o que somente se efetivaria em fins do decênio de 1920, no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, por influência de Carlos Delgado de Carvalho, na Escola Normal do Recife, por inspiração de Gilberto Freyre e influência de Antônio Carneiro Leão e, pouco mais tarde, em São Paulo, por Fernando de Azevedo. (NOGUEIRA, 1979-81, p. 192-93).

Mazza nos dá de forma mais detalhada, a consolidação da sociologia nos currículos escolares, mostrando que não se deu de imediato.

As primeiras tentativas de se introduzir a sociologia no Brasil deram-se por meio de sua inserção nos currículos dos cursos secundários. Antes de 1920 já haviam sido tomadas algumas iniciativas para a introdução da sociologia, na forma de sociologia da educação ou de sociologia associadas à moral, nos cursos secundários, com forte orientação positivista, isto é, buscando-se uma análise objetiva para a compreensão da realidade, tendo por padrão o pensamento durkheimiano sobre educação. Mas foi durante os anos 20, precisamente entre 1925-28, que a sociologia passou a integrar os currículos secundários. (MAZZA, 2006, p. 97).

A Sociologia perpassa desde os últimos séculos como disciplina acadêmica nas escolas normais, secundárias e até em instituições de ensinos superiores, nas redes pública e privada. O seu surgimento se deu no ano de 1930 em currículos dos cursos preparatórios,

ingressando em boa parte do mundo, de forma particular, em várias escolas e em grandes Faculdades no Brasil. Esta disciplina passou a ser obrigatória para todos os cursos complementares em 1931, sendo retirada do currículo em 1942. Portanto, com a “Lei 11.684, de 2 de junho de 2008 alterou o art. 36 da Lei no 9.394 (LDB) e passou a incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todos os anos do Ensino Médio”. (LDB, 2008).

A Sociologia, por ser uma disciplina escolar é vista como diferente nos currículos escolares em diversas circunstâncias e em vários estados, portanto, foi retirada por várias vezes do currículo. Os autores como Santos (2004) e Ribeiro (2009) mostram que a Sociologia passou a ser desabrigada por anos, mas que o período mais recente de sua reinserção se deu no ano de 1980 até 2000. Logo, a disciplina passou a ser incluída na grade do Ensino Médio apenas em alguns Estados do país. Mas, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB- Lei Nº 9394/96) a Sociologia e a Filosofia passam a ser apenas sugeridas, sem serem disciplinas obrigatórias. Em 2006 por decreto do Ministério da Educação com a Resolução Nº 38/2006 favoreceu para que as disciplinas de Sociologia e Filosofia fossem incluídas em todo o Ensino Médio, pelo Conselho Nacional de Educação. No entanto, em 2008, com a aprovação da Lei 11.684, foi decretada a reinserção da Sociologia em todas as séries, com a ressalva de que em sua carga horária não constasse a declaração de ser uma disciplina obrigatória.

A inclusão da disciplina de Sociologia só ocorreu oficialmente após 37 anos de exclusão do currículo do Ensino Médio. Durante todo esse tempo praticamente não tivemos significativo volume de formaturas de professores de Sociologia, situação provocada pela falta de espaço de atuação dos docentes dessa área.

Em 8 de maio de 2008, o Senado aprovou o projeto de lei alterando a redação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96- LDB) no artigo 36, criando o inciso IV: “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio” (BRASIL, 2008). Antes dessa data, havia apenas uma recomendação da CNE (Parecer CNE/CEB 15/1998) sugerindo a inclusão da disciplina no currículo de Ensino Médio, o que dificilmente ocorria no país.” (BODART, 2012, p. 16).

Após tantas reformulações curriculares em diferentes unidades no país com promulgações e bases educacionais impulsionados por debates em âmbito nacional, chega-se à conclusão de que no currículo das competências, a Sociologia e as Ciências Sociais, não se incluem como disciplinas do núcleo comum, mas disciplinas que podem ser de escolha para as escolas.

É neste sentido que muito se debate sobre o processo de integração e sustentação da disciplina sociológica ao longo do tempo. Deste modo, se tem em aberto a concepção da autora Ileizi Fiorelli (2007), mestra e doutora em Sociologia. A mesma compartilha o seu ponto

de vista sobre os desafios institucionais e epistemológicos em que a disciplina de sociologia já enfrentou, para assim, ser consolidada.

O fato de ser um objeto pouco estudado, e portanto, necessitar de mais pesquisas, reflexões e delimitações de metodologias adequadas para a formulação de explicações que nos indiquem os sentidos do ensino de sociologia no Brasil, os estudos que já foram elaborados têm tentado encontrar formas de elucidar as relações entre educação e ciências sociais/sociologia, ao longo da história de constituição do sistema de ensino brasileiro. (FIORELLI, 2007, p.404)

A autora Fiorelli em seu artigo “*A sociologia no Ensino Médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina*” expõe vários movimentos de reformulações curriculares em diversos lugares do Brasil sobre a disciplina sociológica e a sua consolidação no ensino médio, portanto, apresenta os atuais problemas burocráticos educacionais, em especial, nas universidades e Licenciaturas em Ciências Sociais mediante as proporções da inserção da Sociologia nos currículos.

De acordo com Fiorelli (2007), na discussão sobre a Sociologia do Ensino Médio no Brasil, demonstra ser um ensino característico das sociedades modernas e de um sistema simbólico, pautado no processo de formação e propagação da manifestação educacional. Quando se refere, ao campo das disciplinas nos mostra que a constituição sociológica como um saber escolar está inserida em várias outras disciplinas como em geografia, história e literatura, mas ao se referir a si mesma como uma, nos mostra uma certa instabilidade e incerteza, na busca de respostas de acordo com as Ciências Sociais. A autora pauta nos critérios dos objetivos e metodologias de ensino e na orientação sobre os recursos, conteúdos e técnicas que se fortalecem no âmbito escolar.

Ileizi Fiorelli (2007) destaca de forma conclusiva em seu artigo, que:

A sociologia deve fazer parte dos currículos, mas não de qualquer tipo de ensino médio ou de qualquer currículo. Pensar na sociologia no currículo de ensino médio, nos obriga a pensar antes de mais nada, na educação brasileira, no papel do ensino médio e na formatação de seus currículos. É uma tarefa fundamental para os cientistas sociais abrigados nos departamentos das universidades públicas. (2007, p.423).

Sendo assim, na sua argumentação quanto a consolidação da disciplina de Sociologia nos Currículos, reforça em idealizar que se torna necessário que a disciplina seja firmada nos currículos para que possa incentivar a produção dos materiais didáticos, como também na conclusão de novos graduandos em licenciatura visando o Ensino Médio. A autora chama atenção para a trajetória curricular da Sociologia, para que seja uma disciplina valorizada

por ser uma ciência fundamentada nas relações sociais e de grande importância para a formação do aluno no meio social.

Durante o crescimento das Ciências Humanas, nota-se que os grupos sociais se deram de forma gradativa na superação da cultura escolar. As Ciências Humanas no Brasil por volta dos anos 30 e 40 se renovam por meio de trabalhos de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Gilberto Freyre e Fernando de Azevedo, entre outros intelectuais. Assim, com o surgimento de novas gerações de sociólogos, historiadores, antropólogos, economistas e cientistas políticos, a Sociologia foi se constituindo na compreensão do indivíduo, explorando as suas vertentes em um método organizado para ordenar e reordenar as novas relações sociais.

Wright Mills (1969) destaca que a Sociologia permite estabelecer a ligação entre a biografia, a história e a relação entre ambas dentro da sociedade. Isto nos permitindo enfatizar sobre a concordância de que a Sociologia nos faz entender a relação indivíduo-sociedade e apresentando de forma direta as ações individuais e a configuração social, como em seu extenso grupo que se baseia em: poder social, político, econômico, trabalho, saúde, violência, família e gênero.

Ao estudarmos a Sociologia de acordo com as leituras dos autores, adquirimos reflexões sobre as forças sociais que são transformadoras nos dias de hoje, bem como os conceitos informativos e trabalhados pela criação das Ciências Sociais que se realizam no cotidiano dos agentes sociais. Pois, “Ensinar sociologia, portanto, é auxiliar os jovens estudantes do ensino médio a decifrar estes conceitos e entender as relações que se estabelecem no cotidiano de suas vidas.” (GIDDENS, 2001; ELIAS, 1999; COULSON; RIDDEL, 1979; LIEDKE FILHO, 2004; ADORNO, 1997; CUIN; GRESLE, 1994; WALLERSTEIN, 2002).

Portanto, a Sociologia proporciona condições para que haja possíveis discussões ligadas a uma escola de qualidade. Segundo Lakatos (1990, p-27), a Sociologia quando aplicada à Educação examina o campo, a estrutura e o funcionamento da escola como instituição social e analisa os processos sociológicos envolvidos na instituição educacional.

Assim, surge a Sociologia da Educação baseada no estudo dos processos sociais de ensino e aprendizagem, no intuito de explorar os processos internos do ensino, desde a sua estruturação até a função escolar inserida na sociedade.

2.3 A Música como um recurso de Ensino nas salas de aulas

É importante destacarmos sobre a prática desenvolvida entre o professor e o aluno em sala de aula, pois advém daquele que coloca o conhecimento ao alcance dos alunos para que aprendam a estudar o mundo. O professor de Sociologia deve transformar esta disciplina em algo que seja benéfico e de grandes resultados positivos, bem como implantar métodos que facilitem uma melhor compreensão sobre os assuntos a serem transmitidos em sala de aula.

Nota-se que o mundo está cada vez mais globalizado e as comunicações necessitam que o processo educacional possua uma nova roupagem no que se refere ao ambiente escolar e as práticas de ensino. Neste sentido, torna-se importante que o professor busque por novas metodologias para que possa atualizar o ensino. Portanto:

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar e inovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista à reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são de fundamental importância no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos, permitindo-lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdo. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem. (PINHEIRO,2004, p. 104)

Nas ações concretas do ensino-aprendizagem ainda há presença de sustentação de práticas tradicionais no ensino atual, fazendo com que ocorram desgastes no sistema educacional brasileiro. Logo, surgem muitas especulações sobre as inovações das práticas de ensino, fomentando assim novos entendimentos educacionais.

Na elaboração da aplicação de métodos que sejam eficazes para se ensinar e instruir nas aulas de Sociologia, o professor pode utilizar a música como um recurso facilitador de compreensão, abrangendo diversas temáticas que estimulem alunos a refletirem sobre os fatores existentes na sociedade, a exemplo de determinadas letras musicais que contém grandes análises de reflexões sobre os assuntos sociais. Desse modo, a música, por possuir um panorama universal, traz uma linguagem de boa compreensão e que une a todos.

A música sempre esteve presente na vida e também na cultura dos povos, no entanto, além de proporcionar muitas mudanças como na determinação das condutas e na construção de conceitos, se corresponde de forma expressiva nos valores éticos, estéticos, da criatividade e da sensibilidade.

Há evidências de que a música foi fonte de inspiração para alguns filósofos como Platão em que pautava no desenvolvimento intelectual do aluno e físico no sentido de tornar a

área educacional mais produtiva, portanto, apresentaram esta ferramenta por possuir valores que iriam colocar a humanidade na criação de conhecimentos mais harmônicos e de muita sabedoria, de forma, que ao ser expressada permitiria que os indivíduos manifestassem suas alegrias, tristezas, dúvidas, sentimentos e sensações. Deste modo, a música se define como uma arte que permite que o educando construa conhecimentos e desenvolva a sua criatividade e senso crítico ao se relacionar no mundo.

Uma vez que a Sociologia proporciona a reflexão sobre os fatos sociais e as ações dos indivíduos sobre a sociedade, a música, por ser uma linguagem artística e por estar há muito tempo em nosso cotidiano, reformula como um elemento de grande interação para com todos que fazem parte da esfera social.

Por isso, a música pode ser aproveitada dentro do processo educacional aguçando os sentidos dos alunos em sala de aula como um recurso facilitador de compreensão dos assuntos a serem estudados. No entanto, “A principal vantagem que obtemos ao utilizar a música para nos orientar no ensino de uma determinada disciplina é a abertura, poderíamos dizer assim, de um segundo caminho comunicativo que não o verbal mais comumente utilizado”. (FERREIRA, 2010)

A música propicia ao aluno a aquisição de diversas perspectivas, conexões e exemplificações sobre as temáticas, atrelando elementos auditivos que possibilitam a fácil assimilação por se tornar lúdica e prazerosa. E sendo como algo ideal para a aprendizagem, as letras musicais promovem possíveis trabalhos com riquezas de detalhes no ensino. A vista disso, “A música permite a todos a interpretação, explicação e a conexão sobre os diversos assuntos da sociedade, de modo particular no meio escolar, fazendo com que os alunos entrem em vários mundos por meio das melodias que podem caracterizar diversos assuntos de diversas áreas”. (ONGARO, 2006)

Assim sendo, como algo benéfico para o ensino escolar, a música pode estar se relacionando com a sociologia para dar mais engajamento e possibilitando um processo de aprendizagem muito mais eficiente para o professor. Diante disso, também pode favorecer a integração entre os alunos, tornando os métodos tradicionais, que por muitas vezes são definidos como tediosos e defasados, mais proveitosos e dinâmicos.

Nos dias de hoje, passa a ser desafiador cativar a atenção dos alunos, como na perspectiva de deixá-los mais atraídos pela disciplina, sendo assim, é necessário que os professores procurem meios que possibilitem um ensino favorável para todos. Por consequência disso, o professor terá que tornar a sala de aula um lugar que seja bastante prazeroso e estar

apto para se adequar ao que é novo. Fazendo isto, estará sendo mais produtivo e versátil.

O professor pode estar despertando nos alunos o interesse pela disciplina através do uso dos recursos didáticos e de discussões que incentivem a participação do aluno na aula para que torne perceptível o seu papel na relação ensino-aprendizagem e também na sociedade. Isto nos faz lembrar na reflexão sociológica de Émile Durkheim em sua teoria do funcionalismo, sobre os deveres que cada ser possui no meio social.

Neste sentido, podemos notar que o professor possui a função de realizar atividades que busquem ensinar e educar. E em suas atividades complementares, pode estar associando os assuntos da Sociologia com a Música, pois, “Os estímulos sonoros aumentam as conexões entre os neurônios e, de acordo com os cientistas do mundo todo, quanto maior a conexão entre os neurônios, mais brilhante será o ser humano. (BRITO, 2003, p. 35)

A inclusão da música pode agregar na área sociológica de forma benéfica na relação entre o professor e o aluno. Em razão disso, para se promover em meio às práticas que irá adotar em sala de aula, o professor pode trabalhar com muitos materiais musicais, pois uma vez que a indústria musical está sempre crescendo, o ensino será sempre contemplado com novas fontes de inspiração para a realização do trabalho escolar.

Martins destaca que:

“A Sociologia sempre foi algo mais do que meia tentativa de reflexão sobre a moderna sociedade. Suas intenções sempre contiveram intenções práticas, um desejo de interferir no rumo desta civilização, tanto para manter como para alterar os fundamentos da sociedade que a impulsionaram e a tornaram possível”. (1994, p.33)

Neste sentido, podemos refletir que a Sociologia, por se basear no estudo sobre o entendimento das formações sociais e agrupamentos humanos, mostra ser muito importante para o desenvolvimento social e, junto à educação, haverá exercícios que estimulem debates que vão surgindo no campo escolar. Portanto, a música neste meio será um fator essencial e estimulante, atuando como um agente motivador e complementar na aprendizagem dos alunos.

O legado do aprendizado, na concepção dos autores clássicos da Sociologia, está em um dos instrumentos metodológicos, que é a comparação. No entanto, ao inserir o método comparativo com alunos do Ensino Médio, permite que obtenham o conhecimento para que compreendam a realidade de forma concreta e organizada. (DURKHEIM, 1995; MARX, 1971; WEBER, 1967, BOURDIEU, 1994, 1988). Logo, a música adentra no método comparativo das letras musicais ao se relacionar com os assuntos sociológicos.

A música é uma linguagem que permite a todos a se expressarem, comunicarem

tanto de forma espontânea como natural, tornando a integração sensível, cognitiva e estética, permitindo significância ao se relacionar com o mundo e ao fazer parte dele, pois os indivíduos à medida em que vão interagindo se desenvolvem socialmente, dialogando e aprendendo a lidar até com as diferenças.

A sociologia, por estimular reflexões sobre a estruturação social, pode associar-se à música de forma benéfica para o ensino, pois a música por ser uma forma de representar o mundo por meio de suas canções, também se compreende na diversidade, agindo de forma direta e indireta na humanidade. É importante ressaltarmos que a música não substitui o professor em sala, o intuito de incluir esta ferramenta constitui uma alternativa para fazer com que as aulas sejam mais atrativas. O professor pode utilizá-la como um recurso didático para facilitar o entendimento de diversos conteúdos trabalhados em sala, como um apoio em seus métodos de aprendizagem, a exemplo de assuntos de Sociologia.

Por apresentar vários ritmos e temas, a música pode ser definida como um instrumento multidisciplinar por trabalhar com diversos conteúdos em um mesmo corpo musical, podendo ser inseridas nos planejamentos, favorecendo discussões e reflexões em sala de aula sobre os conceitos da Sociologia, impulsionando a estruturação de conceitos científicos em conceitos escolares através da aplicação de elementos ligados ao cotidiano. Assim, Freire (1996) expõe com clareza que durante o ensino aprendizagem torna-se útil dar importância para a realidade do aluno.

O professor ao trabalhar com letras musicais estará estimulando a cognição do aluno, favorecendo sua observação, descrição, representação e, é claro, a compreensão dos assuntos sociológicos, pois a música pode causar efeitos na interação e na cooperação do aluno em contribuir de forma positiva no processo de socialização por meio dos conhecimentos e visões diferentes dos assuntos transmitidos em sala de aula. Neste caso, a música determina informações para se analisar a sociedade em sua organização geral e tendo foco nas relações sociais de acordo com as teorias que fazem parte da área sociológica.

CAPÍTULO II

3 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (PCN) E O ENSINO DE SOCIOLOGIA

Este capítulo tem como objetivo apresentar Música e Sociologia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) vinculadas aos planejamentos de práticas pedagógicas que apontam para uma Sociologia que visa desenvolver conhecimento sobre a realidade social e a música como um desenvolvimento cultural. Portanto, este capítulo está subdividido em tópicos que se fundamentam no processo histórico da Música, nas competências específicas do professor de Sociologia com estratégias de ensino enquanto transmissor de conhecimento e nos efeitos negativos gerados pela má utilização da música em sala de aula.

3.1 A música nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e seus concernentes ao Ensino da Sociologia

Os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN atentam para o direcionamento de uma escola de natureza igualitária, promovendo planejamentos de práticas pedagógicas que tornem possível a construção e a crítica sobre os conteúdos culturais e sociais que são fundamentais para os alunos. Apesar dos PCN não serem exigidos, visam “Estabelecer uma política de ensino para o país e favorecer reestruturações de propostas educacionais que preservem as especificidades locais e a autonomia das diferentes instâncias do governo”. (PCN, 1996, p.8)

Tendo-se em conta que a Educação tem como finalidade transmitir conhecimentos para crianças e jovens crescerem como indivíduos conhecedores de suas funções na sociedade, “O Ministério da Educação apresenta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) o direcionamento para os alunos encararem os desafios e se tornarem cidadãos reflexivos, ativos e independentes, para que possam ter consciência dos direitos e deveres”. (BRASIL, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio apontam para um novo ensino no objetivo de expandir e melhorar a qualidade do sistema educacional, na proposta de um currículo vinculado aos variados contextos de vida dos alunos, sobre as práticas pedagógicas dos professores e no currículo da escola, para que haja de forma positiva na educação brasileira.

Com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN para cada área do conhecimento, teremos algumas disciplinas que são consideradas determinantes no Art. 26 da LDB - Lei de Diretrizes e Bases na Base Nacional. Dentre elas, temos as Artes, onde se integra

a música, para promover o desenvolvimento cultural dos alunos e a Sociologia para se obter conhecimentos sobre a realidade social e política.

A música está inserida na área das Artes como estabelecido nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no ensino de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Portanto, as Artes se enquadram entre as disciplinas que se inserem no ensino fundamental. A LDBEN na Lei N° 4.024 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) do ano de 1961 reformulam em 1971 e sancionam em 1996 pela Lei N° 9.394 grandes mudanças de forma abrangente, como a inclusão da disciplina de Artes na ampliação cultural dos alunos. (BRASIL, 1997, 1998)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam, que:

As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como no exterior. (PCN, Artes, Introdução, 1998, p.19)

A partir disso, a Arte se transforma em um veículo de expressão humana e com a presença da música passa a ceder lugares que dão espaço para os sentimentos, até na busca pela liberdade, sendo algo importante na educação para o desenvolvimento do aluno em que tem a oportunidade de se expressar e comunicar com os demais em sala.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes dão importância à música no Ensino Fundamental na formação cultural dos alunos, enaltecendo as diferenças sobre a formação musical. Pois, “A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e a dos outros”. (BRASIL, 1997, p.48)

Neste sentido, a música entra no âmbito escolar para que o aluno conheça a diversidade cultural musical, com a exposição sobre a cultura local, regional e até internacional, trabalhando diversos conteúdos que proporcionam produções e criações de atividades que trabalham o cognitivo dos alunos. Por consequência, nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a música como uma linguagem da Arte estará analisando, refletindo e compreendendo os diferentes processos de produção, como em manifestações históricas e socioculturais nas aulas do ensino.

A respeito do uso da música no ensino médio, “Os Parâmetros Curriculares Nacionais a preveem como um recurso capaz de tornar possível aos alunos o desenvolvimento de grandes aprendizagens e interesses e sendo citada como um instrumento de compreensão de diversidade artística e comunicacional”. (PCN, 2000, p.51). Assim, a música é definida como

uma linguagem que se constitui em um formato sonoro com a capacidade de transmitir expressões, apresentar sensações, pensamentos e sentimentos de acordo com a composição de som, bem como, na integração de aspectos que ligam a sensibilidade em aspectos afetivos e cognitivos.

Ao se trabalhar com a música, algumas competências devem ser especificadas para o ensino-aprendizagem do aluno no ensino médio, como apresentam os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Empregar formas de registros gráficos convencionais ou não, na escrita e na leitura de partituras, bem como formas de registros sonoros em áudio, rádio, vídeo, telas informáticas e outras integrantes de mídias e artes audiovisuais. Fazer interpretações de músicas presentes na heterogeneidade das manifestações musicais que fazem parte do universo cultural dos jovens, incluindo também músicas de outras culturas, bem como as decorrentes de processos de erudição e as resultam de novas estruturas comunicativas, ligadas ao desenvolvimento tecnológico. (PCN, 2000, p.51-52).

O ensino da Arte deve promover o desenvolvimento cultural do aluno, pois o inciso 6º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação-LDB, afirma que “as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular” no ensino de Arte. (Lei nº 13.278, de 2016). Portanto, a música desenvolve o horizonte cultural dos alunos e se constitui em uma expressão conectada à Arte.

As Artes compreendem-se na criação e geração de significativas linguagens onde se inclui a música que possui definição de linguagem sonora, dessa forma, podemos destacar no Art. 36, que ao final do Ensino Médio, o educando deve obter “domínio dos conhecimentos de Filosofia e de Sociologia ao exercício da cidadania”. No entanto, estas disciplinas possuem “O objetivo de se tornarem disciplinas indispensáveis à formação básica do cidadão, seja no que diz respeito aos principais conceitos e métodos que operam, seja no que diz respeito a situações concretas do cotidiano social”. (Ensino Médio, volume 4, p. 11).

Na década de 90, com a nova ordem na superação das tecnologias inovadoras e na inovação dos parâmetros com a formação dos cidadãos, o aluno em desenvolvimento passa a ter como propósito adquirir conhecimentos necessários para a utilização de várias tecnologias ligadas a seu campo de atuação. Portanto, no Ensino Médio, definida como a etapa final da Educação Básica, os alunos devem possuir informações que são indispensáveis ao exercício da cidadania, não de conteúdo político, mas do ponto de vista da cidadania social. Neste caso, a sociologia surge no objetivo de levantar questões sociais para se levar à reflexão das ações dos indivíduos na sociedade. Isto nos mostra de forma clara a possível contribuição da Sociologia

como disciplina no Ensino Médio definida nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN e na Lei de Diretrizes e Bases- LDB de 1996.

A Lei nº 9.394/96 nos mostra exatamente que a Sociologia tem propósitos essenciais para o Ensino Médio, no intuito de contribuir na construção do aluno em sociedade. Os conhecimentos sociológicos tornam-se essenciais, pois atribui noções básicas de investigação, classificação, interpretação/explicação, na descrição de todos os fatos que se ligam à vida social, e como resultado, faz com que os alunos reconheçam a complexidade da realidade social, tornando o aluno um agente mais consciente do seu papel social, conquistando a condição de cidadão. A inserção da Sociologia como disciplina na grade curricular do Ensino Médio - que veio a realizar-se a partir do Parecer nº 38/2006, que modificou as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio e transformando a Filosofia e a Sociologia como obrigatórias pela Lei nº 11684/08 - vai ao encontro dos objetivos das mudanças propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996.

As Ciências Humanas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio, onde se incluem a Sociologia e também a Filosofia, traduzem conhecimentos em espírito crítico e criativo, gerando respostas para problemas atuais e implicando no conhecimento, uso e na produção histórica dos direitos e deveres dos cidadãos sobre o desenvolvimento da consciência cívica e social. De fato, as Ciências Humanas passam a ser um campo que discute exatamente questões de cidadania.

A Sociologia no Currículo do Ensino Médio tem como objetivo desenvolver no aluno a aprendizagem do questionamento social, ampliando visões críticas do cotidiano. A Sociologia estimula a capacidade de raciocínio, permitindo avaliar a realidade do aluno em diferentes perspectivas, onde na ampliação do conhecimento de interpretação dos fenômenos sociais, o professor e o aluno poderão superar o senso comum.

A Sociologia, como espaço de realização das Ciências Sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias do campo dessas ciências, resultados das pesquisas as mais diversas, que acabam modificando as concepções de mundo, a economia, a sociedade e o outro, isto é, o diferente – de outra cultura, “tribo”, país, etc. (Orientações Curriculares do Ensino Médio- Sociologia, 2006, P.105)

Os papéis principais da Sociologia está na realização da desnaturalização com as concepções ou explicações dos fenômenos sociais e do estranhamento ligado aos objetivos da Filosofia e das Ciências, humanas ou naturais.

Com base nas Diretrizes Curriculares da Educação Básica em Sociologia,

destacamos, que “O ensino da Sociologia pressupõe metodologias que coloquem o aluno como sujeito de seu aprendizado, provocado a relacionar a teoria com o vivido, a rever conhecimentos prévios e a reconstruir saberes”. (DCED, 2008, p.94)

O ensino da Sociologia no Ensino Médio, ao considerar as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), orienta ao aluno os mais relevantes saberes que são direcionados por questões conceituais e metodológicas que se fundamentam na Sociologia, na Antropologia e na Ciência Política.

O campo sociológico nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), contribui para o jovem brasileiro uma linguagem especial, sistematizando debates sobre temas relevantes, da tradição e contemporâneos. A sociologia apresenta ao aluno “modos de pensar” como na sua reconstrução ou desconstrução de modos de pensar.

A Sociologia se pauta em métodos que organizam e reorganizam as novas relações sociais. Neste sentido, as Ciências Humanas, por meio das transformações que foram relevantes na sociedade e na política no século XIX, tem como foco apresentar o surgimento dos mecanismos de controle social. Assim o Marxismo fortalece as funções das Ciências Humanas na presença do social. Isto nos permite compreender que a Sociologia contribui de forma igualitária para a formação da identidade, e quanto aos trabalhos de Música, poderão dar continuidade ao seu aprendizado aperfeiçoando suas ideias e emoções, de forma mais sensível, estética e imaginativa.

Ao colocarmos a música aos concernentes da Sociologia na área das Ciências Humanas, podemos ver que a aprendizagem estará voltada para a criação de habilidades e competências onde o aluno possa compreender a sociedade em que vive, como os processos de sociabilidade humana em campo coletivo, para que avalie o sentido dos processos sociais e seja um agente social que age sobre a sociedade e possa apreender as tecnologias para se ter conhecimentos sobre a estruturação social. E com as competências e habilidades que podem ser desenvolvidas em Artes estão na criação de percepções significativas sobre a cultura, capacitando os alunos a se tornarem melhores como cidadãos reflexivos, sensíveis, inteligentes e mais criativos, respeitando as diversidades culturais juntamente sobre a abordagem do ensino de Sociologia.

3.2 A história da Música e o seu ensino

A história da música está ligada ao surgimento das civilizações antigas, onde os gregos a concediam para os deuses com o uso de manifestar o espírito íntegro, como forma de alcançar a plenitude. A palavra música se originou do grego “mousikê” e com a poesia e a dança se designou como a “Arte das Musas”. Sendo denominada como uma arte desde os primórdios da civilização, utilizavam-na como uma forma de pensar e de ser com a capacidade de educar e também de civilizar.

Podendo atrair de forma positiva para todos, a música, passou a se relacionar com a matemática na Grécia, e firmado por Pitágoras explicaria o funcionamento universal se transformando como uma fonte de sabedoria e sendo necessária para a educação do homem livre. Em meio ao processo de sua integração no meio social, a música não poderia ser realizada de forma imparcial, mas como algo atrativo para o ensino de várias disciplinas.

Mediante a sua eficácia, tornou-se permanente, sendo desenvolvida por meio de estudos e exercícios práticos, obtendo o reconhecimento de valor informativo em todos os lugares, especialmente no nosso país. A educação era algo mais espiritual com objetivo na formação do caráter do indivíduo na busca de uma educação plena. A partir disso, a música passou a se tornar disciplina incorporando letras e poesias.

A poesia, o drama, a história, a oratória, as ciências, e a própria música estavam incluídos na extensão do termo música. Os poemas, compreendidos e memorizados, eram entoados com acompanhamento da lira. Portanto, mais importante do que a destreza técnica era o saber improvisar um acompanhamento em harmonia com o pensamento expresso no trecho recitativo. Por ser ensinado com música (o ritmo facilitava a memória), o ensino era atraente, agradável” (BAUAB, 1960, p.58-59).

Direcionando olhares para o ensino da música no Brasil, veremos que está vigente desde as lutas religiosas na Europa pela Reforma Protestante com a vinda dos Jesuítas, pois na defesa da igreja católica nomearam a educação como uma arma de combate à heresia. A música também sofreu influências dos negros ao chegarem ao Brasil, trazendo instrumentos para lembrarem dos sons e ritmos da sua pátria que se encontravam distantes.

O ensino musical brasileiro, no ano de 1854, por decreto real, foi inserido em salas de aulas para que fosse utilizado apenas na configuração de manifestações artísticas e para o controle dos alunos em sala. Sendo assim, foi instituído o ensino da música nas escolas públicas brasileiras, abrangendo dois níveis : “noções de música” e exercícios de canto”. Em 1932 surge a disciplina “Canto Orfeônico” nas escolas públicas do Rio de Janeiro e assumindo a direção

da Superintendência da Educação Musical e Artística (SEMA), o compositor Heitor Villa Lobos

E em 2008, foi sancionada pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva a lei nº 11.769, que dispõe sobre o ensino e a inserção da música nas salas de aulas em instituições de ensino. Tal lei, tem como objetivo orientar as escolas a ensinarem a Música dentro de um contexto formativo e abrangente.

Após construções de escolas de músicas, o uso musical se implantou no meio educacional no objetivo de renovar as práticas de ensino para as crianças, pois atentavam para as divergências entre os alunos na procura de novos espaços alternativos para a sala de aula. No período escolar é prática comum se ouvir música principalmente nas séries iniciais, como também em momentos de festividades que se comemoram na escola.

Neste sentido, a música está presente no cotidiano escolar tanto das crianças, como dos jovens, ocupando espaço no cenário social da vida contemporânea, integrando-se no meio social de forma íntima nas questões sociais que a cercam. A música, portanto, é “Arte e ciência de combinar sons de modo agradável ao ouvido; como também em qualquer conjunto de sons. (FERREIRA, 1986, p.1174).

Além disso, por estar presente em diversos momentos da vida humana, a música, por ser uma característica cultural, possui significados e valores, sendo algo fundamental para o indivíduo, vida social e educação. Isto nos leva a atentar para o que Chalhub (1995) diz sobre a música ser uma referência que se predomina nas emoções, levando à comunicação, mas sendo necessário que haja uma junção de sentimentos entre transmissor e receptor. Nesta visão, ao se levar para o campo escolar na relação professor-aluno na construção do conhecimento, deve haver harmonia ao se aplicar métodos alternativos musicais, ocorrendo a troca de saberes e a produtividade em sala por meio do uso musical.

Ricardo Queiroz (2014) destaca e direciona seu pensamento com relação a música no âmbito educacional, podendo se relacionar com todos os saberes, inserindo todos os sujeitos dentro do contexto de democratização. Neste sentido, a música possui função e importância ao explicar o ser humano por meio de seus pensamentos, apreciações e formações. O ensino da música pode contribuir para o crescimento da aprendizagem do educando, desenvolvendo a escuta de forma ativa e significativa na ampliação de conteúdos.

A música é um fenômeno social por estar inserida numa linguagem cultural formada por vários povos ao longo do tempo, marcando presença em todas as épocas e civilizações sociais. Assim, Queiroz (2014) afirma que “ela é um ponto, um aspecto, um

elemento, uma dimensão fundamental que deveria estar presente na base da formação de todos os indivíduos e na constituição das culturas”.

Segundo o filósofo Reis, a música possui um efeito sedutor:

A música poderia exercer sobre o homem poder maléfico ou benéfico, por imitar a harmonia das esferas celestes, da alma e das ações. Com seu encanto sedutor, poderia conduzir perniciosamente o homem, através de um complexo de emoções não recomendável, como também teria condições de realizar o inverso, contribuindo, de modo eficaz, para a educação da juventude. (REIS, 1993, p.58)

De acordo com esta concepção, ao se esperar que a música cumpra o papel de garantir ao que se é esperado, deve ser praticada com mais interesse para se atrair o ensino, de modo que seja usada em várias disciplinas. Portanto, ao se analisar a música na escola, deve-se buscar condições úteis para que possua o papel de valor considerável na sua utilização e complementação da atividade pedagógica.

A música, além de atrair as crianças, também chama atenção do público jovem, servindo de motivação e elevando a autoestima, fazendo com que fosse inserida por diversas vezes em projetos de educação. Assim, podemos observar que ao longo da história a música opera de forma positiva no ser humano, como de forma religiosa, moral e social, colaborando no alcance de hábitos e valores que passam a ser necessários para a cidadania.

A música promove diálogo e estabelece formação no conhecimento para o ensino escolar, e, quando se é inserida nas aulas, desenvolve nos alunos que possuem desinteresse e pouco comprometimento uma melhor concentração obtendo experiências para que aprendam o que se é ensinado na escola.

Partindo da concepção de que a música é um meio de comunicação, que se serve de uma linguagem, pode-se concluir que uma contribuição para a tomada de consciência do novo, ou do desconhecido, seja uma das mais importantes, senão sua mais importante função. (H. J. KOELHEUTTER, 1994).

Portanto, a música, como outros conhecimentos, se compreende no discurso artístico de forma cultural e denominada como prática social, atribui aos indivíduos valores na sociedade que a forma e a domina.

Blacking (1995) cita que “A música é um componente presente em todas as culturas”. A partir desta reflexão, pontuamos que a música, se transmite em todos os espaços sociais, podendo ser relevante até para a área da educação, surgindo de forma dinâmica e produtiva no contexto escolar.

Koellheutter (1998, p.41) acredita que a música desenvolve a capacidade do ser

humano de forma integradora e globalizante, pois tem a função de despertar na mente do jovem a consciência e a interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética na sociedade moderna e também na educação. Isto nos permite compreender que a música pode ter a capacidade de transformar o indivíduo de forma positiva na sociedade e na educação.

Sendo assim, a música no âmbito escolar, pode estar contribuindo no desenvolvimento dos alunos sobre o entendimento dos assuntos transmitidos em sala de aula, com muito mais clareza e até prendendo mais atenção dos mesmos no ensino, pois Reis (1998, p.88) nos mostra que:

Tudo que vier a desenvolver a percepção, a capacidade de reflexão e o senso crítico do aluno, no momento certo de cada passo da aprendizagem, certamente virá verdadeiramente enriquecer e amadurecer todo o processo. O professor deverá saber discernir com clareza, as sutis diferenças: o que é necessário e importante em cada instante da jornada pedagógica e aquilo que é inútil e descartável ou que apenas entrava o caminho. Subestimar os alunos é reprimi-los, é tolher o fluxo natural de suas possibilidades. No mesmo sentido, massacrá-los com exigências acima de suas capacidades, até a impotência, é anular a sua autoestima, a sua autoconfiança e a predisposição para o estudo.

A música pode refletir sobre os indivíduos a partir de seus ritmos e sons, de acordo com aspectos físicos e metafísicos.

Neste caso, Bona (2002, p.2) destaca que “a música, por ser arte, manifesta os diversos afetos da nossa alma mediante o som”. Portanto, a música não se destaca apenas como uma associação de sons e palavras, mas pode ser um rico instrumento transformador nas instituições de ensino, despertando a mente e o corpo na facilitação da aprendizagem e também na socialização.

Assim, Gainza Hemsy (1988) diz que a música é um relevante elemento que dá ânimo e contribui para o desenvolvimento e para a transformação. Pois ao se tratar da música como um elemento motivador, pode estar promovendo mais envolvimento na relação professor-aluno na sala de aula. Isto sendo evidente, na concepção de Snyders ao citar que:

A escola pode ensinar as alegrias da música?, questão que dá nome ao seu livro, afirma que “é sem dúvida em música que os gostos dos jovens são mais intensos; primeiro em extensão: com o esporte, a música é a forma de cultura que toca a maioria dos jovens, na qual a maioria dos jovens investe muito mais tempo e mais dinheiro; em seguida em profundidade: os alunos possuem uma cultura musical mais rica, mais estruturada, têm preferências e escolhas mais firmes em música do que nas outras áreas culturais; enfim em ligação: creio que, em seu conjunto, eles gostem ainda mais da música do que dos filmes que apreciam. (1992, p.136).

A partir disso, os educadores devem aproximar a música dos jovens, fazendo apreensão de conteúdos nos mais diversos contextos sociais. E isso deve estar sendo inserido no cotidiano escolar, superando valores e normas que se integram de formas enraizadas nos discursos acadêmicos, fazendo com que haja total aproximação da música com os alunos de acordo com a sua realidade para dentro da sala de aula.

Schopenhauer (2003) também reforça em dizer que a música, possui a definição de ser uma das artes mais ricas, detentora de linguagem bastante significativa, pois tem o poder de expressão e de essência interna do mundo. Cabe dizermos a partir disso que a música provoca sentimentos sobre os indivíduos e sobre o que está ao seu redor, proporcionando prazer, liberdade e interação social.

3.3 Competências e habilidades na formação dos professores de Sociologia

No estudo das Ciências Sociais para o Ensino Médio, temos como destaque a aplicação de questões conceituais e metodológicas que fundamentam a Sociologia, Antropologia e a Ciência Política para os alunos em sala de aula.

Como ponto de partida, visando os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN nas competências e habilidades a serem desenvolvidas em Sociologia, teremos conhecimento de que, na representação e comunicação desta Ciência, se tem como objetivo identificar, analisar e comparar os diferentes discursos sobre a realidade. No método de investigação e compreensão da Sociologia, firma-se na construção de instrumentos no entendimento sobre a vida e na ampliação da visão do mundo, como no contexto sociocultural que se compreende na ordem econômica.

Sendo assim, sobre os eixos fundamentais que a Sociologia aborda, nos faz refletir sobre as questões sociais e a sua importância para o âmbito educacional. Deste modo, seguindo *as orientações Curriculares para o Ensino Médio- Conhecimentos de Sociologia*, para alcançar a realização do exercício pleno da cidadania, o ensino da Sociologia deve se basear em dois princípios epistemológicos fundamentais: *estranhamento e desnaturalização*.

Desta forma, o professor de sociologia terá o papel de estimular o aluno por meio da hesitação dos fatos ligados a conformidade social, sendo um exercício necessário a problematização dos fenômenos sociais, como causar *o estranhamento*, mas também o rompimento de toda e qualquer forma de compreensão das relações sociais que são vistas como “imutáveis no tempo e no espaço”. Cabe ao ensino da Sociologia, ultrapassar este conhecimento

e promover a desmistificação e a desnaturalização da realidade, quebrando com o imediatismo ao submetê-la a critérios científicos de análise no momento em que há a *desnaturalização*.

As competências específicas da Sociologia foram estabelecidas a partir de três categorias que são fundamentais para as Ciências Sociais presentes no Ensino Médio como: *cidadania, trabalho e cultura*, permitindo que o professor de Sociologia possa dialogar com qualquer área do conhecimento, devendo escolher prosseguir no caminho, para que não encontre dificuldades na elaboração de uma metodologia do ensino verdadeiramente interdisciplinar

Neste estudo sobre a Sociologia no âmbito educacional é de grande importância tratarmos sobre o papel do professor em sala de aula, pois se define como um agente no processo educativo por estimular o processo ensino-aprendizagem com conhecimentos que são ordenados e vistos como essenciais para a formação do aluno.

Vale destacar que na área educacional devem haver informações que sejam necessárias para a prática pedagógica do professor de Sociologia no âmbito escolar, no objetivo de se contextualizar a sua função e competência dentro de sua profissão. Visto isso, o professor de Sociologia deve ter o cuidado de tornar a disciplina como algo que possa encantar sempre o aluno quando a estiver conhecendo, não devendo jamais se distanciar do interesse dos alunos que estão no Ensino Médio para que não fuja dos seus objetivos na transmissão do conhecimento sociológico.

O professor de Sociologia deve atuar como mediador na construção do conhecimento, possuindo total comprometimento e aceitando de forma reflexiva e crítica o seu empenho, buscando também entender os seus alunos sem qualquer preconceito, acolhendo-os e respeitando as diversidades. Ao escutá-los, pode-se dialogar com seus alunos possuindo visões que permitam conhecê-los da forma que interpretam e dão sentido ao mundo. Pois, como afirmam, Davis e Grosbaum (2002, p. 99):

A interação entre professores e alunos em torno do conhecimento, que constitui a dinâmica de sala de aula, decorre da forma como o professor vê os processos de ensino e de aprendizagem. A compreensão de que os alunos não são pessoas a serem moldadas pelo professor- mas selecionam, assimilam e processam as informações, conferindo-lhes significado e construindo conhecimentos-muda radicalmente a concepção de aprendizado. Só que nossos alunos não constroem sozinhos seus conhecimentos: isso depende da interação mantida com professores e colegas. A “boa” ajuda que o professor pode prestar depende da maneira como ele percebe o aluno.

Nesta perspectiva na relação professor-aluno deve haver diálogos para que haja compreensão em diversas situações que se dão em sala de aula, ocorrendo a interação e também

a criação de momentos de aprendizagem por meio do entusiasmo e desempenho do professor para se revelar e construir saberes e valores significativos.

Portanto, o professor deve focar na formação de uma educação independente, centrando-se não em transmitir apenas os conteúdos, mas na sua relação com o aluno, na relação professor-aluno enquanto construtores do conhecimento. Pois concedendo ao aluno o direito de se manifestar quando for necessário, o professor, estará proporcionando o crescimento e a participação e também investindo na relação interpessoal baseado nas particularidades de comportamentos, como na sua autenticidade e o entusiasmo.

Como uma ciência sociológica, segundo Giddens (2004) a Sociologia analisa a sociedade de forma ampla. À vista disso, traz práticas de implicações na rotina dos indivíduos e a sua utilização social vai muito além do campo científico, colaborando no desenvolvimento crítico social sobre as práticas sociais. Esta Ciência torna-se relevante por ter entre os seus objetivos despertar o senso crítico, produzindo seres capazes de refletir sobre si e sua função social. Desta forma, o professor fará com que esta disciplina seja uma ponte para se chegar à reflexão dos fatos sociais para os respectivos alunos.

A sociologia mostra desenvolver no indivíduo o seu senso crítico e na visão de Machado (1987) ao se referir sobre a sociologia na educação, expõe que:

Permite aos estudantes terem não só consciência da vida, da profundidade e gravidade dos problemas e injustiças presentes na sociedade brasileira de hoje, mas também, e principalmente, a compreensão das principais teorias políticas que propõem alternativas de para onde deverá transformá-la e de como transformá-la (MACHADO, 1987, p. 115).

Na apresentação das teorias dos autores de Sociologia, o professor pode estar reconstruindo uma linguagem que seja mais acessível e com mais rigor, pois assuntos que levam à discussão facilitam na compreensão das teorias e métodos que forem sendo aplicados sobre a realidade do aluno na sala de aula. Dessa forma, pode haver coerência entre as teorias e conceitos trabalhados pelo professor, garantindo sentido sobre os discursos das teorias sociológicas.

O professor de Sociologia na sua prática escolar pode estar trabalhando com temas que se relacionam com a sociedade como um todo. A partir disso, pode ser interessante o professor aproximar os assuntos de Sociologia com a realidade em que o aluno vive para a formação do conhecimento, buscando também na afirmação de que “seria interessante o professor mostrar as diferenças entre sistemas políticos democráticos e autoritários, para que o aluno valorize as estruturas participativas de poder” (PCN+, 2002, p. 94).

Os recursos didático-pedagógicos nas aulas de Sociologia podem tornar as aulas atraentes e também despertar nos alunos os processos de identificação de problemas sociais. Sendo assim, com rigor metodológico para o ensino de sociologia na construção do conhecimento, o professor pode estar realizando atividades que desenvolva o espírito crítico do aluno sobre leituras de textos sociológicos, com exercícios escritos sendo oralmente apresentados e discutidos em aulas expositivas dialogadas.

À vista disso, podem estar sendo trabalhados diversos temas em sala de aula, pois o professor possuirá variados assuntos como de aspectos políticos, econômicos e religiosos, mas sempre traçando uma rede que esteja conectada com assuntos de interesse dos alunos para se trabalhar de forma produtiva na construção das relações que organizam a sociedade. Pois como afirmado por Bourdieu em sua obra “Lições de Aula”, destaca que:

A sociologia é a arte de pensar coisas fenomenalmente diferentes como semelhantes em sua estrutura e seu funcionamento, e de transferir o que foi estabelecido a propósito de um objeto construído, por exemplo o campo religioso, a toda uma série de novos objetos, o campo artístico, o campo político, e assim por diante. (1988, p.44)

Nas aulas de Sociologia, o professor pode estar inovando e utilizando recursos, estratégias e materiais de apoio, que estimulem a reflexão e a participação de todos os alunos. Por isso pode inserir nas suas aulas expositivas: filmes, músicas, livros e vídeos que estejam ligados aos assuntos sociológicos, bem como aplicar projetos que sejam interessantes tanto para a escola como para os alunos.

Para Moraes e Guimarães (2010, p.48):

É contribuição das Ciências Sociais, como a disciplina Sociologia para o nível médio, propiciar aos jovens o exame de situações que fazem parte do seu dia a dia, imbuídos de uma postura crítica e atitude investigativa. É sua tarefa desnaturalizar os fenômenos sociais, mediante o compromisso de examinar a realidade para além de sua aparência imediata, informada pelas regras inconscientes da cultura e do senso comum. Despertar no aluno a sensibilidade para perceber o mundo à sua volta como resultado da atividade humana e, por isso mesmo, passível de ser modificado, deve ser a tarefa de todo professor.

Nas lições de aula, se tem como auxílio para os alunos que estão no Ensino Médio a oportunidade de romperem, por meio do entendimento que possuem sobre a sociedade, a ilusão da transparência. O professor em suas práticas pedagógicas pode estar revendo assuntos que sejam relevantes para os alunos do Ensino Médio, permitindo no aprendizado mais entendimento e acessibilidade para todos em sala de aula.

Portanto, a Sociologia, como nos afirma Ianni (1989, p.89), mostra ser importante para todos, no sentido de que:

Se estrutura como uma nova forma de pensar a realidade social, a sociedade vista no presente e em perspectiva histórica. O saber racional e científico, é mobilizado, em escala crescente, dentro e fora da universidade, nas esferas do poder econômico, e político, nos partidos políticos movimentos sociais e outros círculos, para fundamentar 'decisões de significação vital para a coletividade', ou setores dela.

A sociologia, permite que os alunos também estejam conectados aos assuntos políticos, econômicos e com perspectivas sobre a realidade social. Esta ciência também estimula o aluno. Assim, conclui-se que o professor é um agente fundamental na construção do conhecimento, pois pode promover e estimular habilidades que fazem parte da vida do aluno de forma permanente. Logo, o professor de Sociologia deve se filiar a uma postura reflexiva, capaz de observar, regular, inovar, aprender com os demais, com os alunos e com as experiências, criando vínculos e demonstrar que o aprendizado pode ser agradável.

3.4 As dificuldades docente no uso da música brasileira em aulas de Sociologia

Com a apresentação das letras musicais, a música pode ser usada na construção de diversos sentidos e saberes do homem, mas para que isso ocorra é necessário haver cuidado com sua elaboração para se usufruir deste recurso de maneira proveitosa. Portanto, sobre a utilização da música devemos ter a visão de que não se trata apenas de um divertimento, mas sim de uma ferramenta que pode manifestar o lado crítico do indivíduo sobre as ações sociais, nos fazendo refletir sobre o seu manuseio para o uso escolar.

Na análise da música como uma ferramenta para uso sociológico, em especial no ensino médio, corresponde na diversidade de temas em que podem ser trabalhados em sala de aula de acordo como as letras musicais brasileiras, mas o que está em evidência, parte da forma como o professor irá manusear estas letras em seus planejamentos. Neste sentido, pode ocorrer a grande facilitação dos alunos e professores em estarem conectados com as letras musicais ocasionando um certo afastamento dos mesmos com os assuntos da disciplina em si.

Sendo assim, com a facilitação sobre o uso da música sem nenhum direcionamento para com os assuntos em que o professor deseja trabalhar, podem ocorrer resultados negativos que não contribuirão para o ensino, alterando o propósito da sua utilização que é estar conectado com os assuntos. O mesmo pode ocorrer na disciplina de Sociologia com a realização da má utilização das letras musicais, levando o aluno a se distanciar da análise sociológica e ativando

o seu senso comum, ocorrendo até certos desentendimentos ou um duplo sentido que não esteja ligado a Sociologia e sim a outras perspectivas de Ciências que podem estar incluídas nas letras musicais como a História, Geografia e a Filosofia.

Tornada obrigatória no Ensino Médio, muitos professores de outras áreas passaram a lecionar Sociologia, o que somado à falta de uma tradição na formação de professores de Sociologia tornou seu ensino um tanto precário, marcada por vícios de interpretação da realidade social sob a perspectiva da Geografia Humana e da História, assim como as dificuldades de delimitação de suas fronteiras, o que ocorre também em relação ao senso comum. (BODART, 2012, p 16.).

A sociologia se fundamenta na análise própria e se diferencia na observação “das ações humanas como elementos de figurações mais amplas”, pois, segundo Bauman; May (2010, p.16) a Sociologia entre as ciências sociais, possui destaque pelo seu firmamento da concepção intelectual em levantar questões com relação às ações humanas. No entanto, esta ciência, se interessa em refletir sobre os efeitos dos acontecimentos que se direcionam de forma mútua sobre a formação da sociedade.

Sendo assim, dentre as ciências se tem em destaque o ensino da Sociologia que estimula os indivíduos a refletirem a real situação das ações sociais. Neste caso, o professor deve destacar a sua significação por meio da construção de um saber mais organizado ao se utilizar a música como um recurso didático, como em levar para a sala de aula, conjuntos de questões e temas que sejam objetos de investigação e de conceitos apropriados para obterem respostas relacionadas ao campo sociológico.

Émile Durkheim (1975) sobre a “pedagogia do pensador”, enfatiza que o professor representa a sociedade, provocando os “estados físicos, intelectuais e morais” atribuídos pela vida social, pois o seu papel na educação se direciona na transmissão dos valores morais. Portanto, nesta passagem de Durkheim nos permite refletir sobre a função do professor de Sociologia, na concepção de que o professor por estimular até os estados cognitivos dos alunos pode ser o mediador no processo de aprendizagem, despertando seu olhar sociológico nos alunos, no objetivo de torná-los sujeitos mais críticos, pois, como nos afirma Wright Mills (1969) “a sociologia deve ajudar a desenvolver, no educando, a imaginação sociológica”.

A partir disso, devemos nos atentar para a utilização de recursos metodológicos no âmbito escolar com a inclusão da música nas aulas de Sociologia ao se apresentar práticas de ensino tradicional, pois podem causar efeitos que não estimule o aluno a refletir e alcançar o espírito crítico, por se adotar velhas práticas sem inovação.

O Ensino Secundário, atual Ensino Médio, é formativo por Excelência; ele não deve visar a uma acumulação enciclopédica de conhecimentos, ou seja, um tipo de ensino meramente aquisitivo, estático que visa unicamente a conservação da ordem social, incapaz, portanto, de proporcionar uma educação dinâmica (FERNANDES, 1977, p.110).

Para se alcançar resultados positivos com a música, o professor pode estar problematizando os conteúdos das letras musicais na construção do ensino-aprendizagem junto aos assuntos sociológicos, para que o aluno possa compreender a realidade em que vive por meio de exemplos dados na sala de aula. Pois como Loureiro (2003) afirma, a música tem o propósito de favorecer, colaborar para o desenvolvimento do aluno quando se é planejada e contextualizada.

Bourdieu (2004) expõe que “os campos são os lugares de relação de forças que implicam tendências imanentes e probabilidades objetivas”. Neste sentido, a música se insere em um campo artístico agindo sobre os outros campos, portanto, a música terá o perfil de ser usada como um instrumento de construção e de fixação da ideologia.

Snyders (1997, p.30) também destaca que “resta ao professor situar e não restringir”, enfatizando que o docente pode mediar e orientar os alunos nas atividades ao se utilizar a musicalidade e não se focando na criatividade, mas sim aos aspectos que desenvolvam o sujeito como um todo, como na sua cognição.

O uso de instrumentos mediadores pode estar relacionado aos “novos caminhos” no ensino do educando. A música, por ser um instrumento cultural, possibilita a aproximação da linguagem escolar no cotidiano dos alunos, ajudando na aprendizagem. Em razão disso, antes de inserir a música como um recurso didático, o professor pode estar realizando planejamentos prévios e ser prudente nas escolhas musicais, desta forma, estará contribuindo no conteúdo em estudo e realizando momentos para exposições em sala. Caso ocorra o oposto disso, sem uma didática pré-estabelecida e de fundamento pedagógico, não terá relevância o uso da ferramenta musical no ensino escolar.

A música pode ser uma rica atividade dentro das salas de aula, onde o professor pode estar aproveitando a música como um instrumento didático. Sendo assim, cabe a ele trabalhar esta ferramenta de forma positiva, fazendo desenvolver a criatividade, os dons, o raciocínio e aptidões, levando o aluno a estar mais motivado a participar das atividades.

Assim, Faria (2001, p.24) expõe que “a música como sempre esteve presente na escola para dar vida ao ambiente escolar, favorece a socialização dos alunos, além de despertar neles o senso de criação e recreação”. Dessa forma, a música cria um terreno que favorece a imaginação quando são despertadas as faculdades criadoras de cada ser, que nos implica em

dizer que no âmbito escolar pode ter a função de ampliar e facilitar na aprendizagem do educando, como na observação das letras musicais que podem agir de forma ativa e reflexiva no aluno.

À vista disso, nos leva a reflexão de que ao se trabalhar com a música, pode ocorrer trocas de experiências pessoais, ligando-se movimentos sociais e culturais que possam estar além do âmbito escolar, mas se refletindo dentro da sala de aula. Portanto, a música pode fazer com que as crianças e os jovens se manifestem em público de forma natural e estimulante, ampliando suas habilidades e sensações de forma transformadora.

Snyder possui a visão de que a música se manifesta de forma intensa no indivíduo e ainda reforça em dizer, que:

A experiência mais familiar aos jovens é a da música que toma conta deles: sabem bem que a música não os prende apenas de um determinado lado, não os atinge só em um determinado aspecto deles mesmos, mas toca o centro de sua existência, atinge o conjunto de sua pessoa, coração, espírito, corpo. Ela nos agarra, sacode, invade, até impor-nos um determinado comportamento, um determinado jeito de ser. E, com frequência, os alunos vivem a música como uma pressão em direção a movimentos ritmados e cantaroladas ininterruptos. (...) Daí a intensidade soberana das emoções musicais, que também faz com que elas se estendam, ao vivo, de coração a coração. (1992, p.79).

Neste sentido, o autor nos dá a concepção de que a música pode agir fortemente no indivíduo em seu sistema corporal e estimulando de forma mental pode desenvolver ações tanto de forma consciente como inconsciente no seu cotidiano.

Outro autor que visa a música como algo significativo, é Fregtman (1989, p.46), pois para ele, “os sons podem agir como disparadores de pensamentos novos e ideias criativas, que, dessa forma, chegam à consciência.” Por meio desta reflexão, nota-se que os sons podem se manifestar como propulsor de novos ideais e ao obterem passagem chegam à consciência proporcionando desenvolvimento mental no indivíduo.

CAPÍTULO III

4 A MÚSICA NO LIVRO DIDÁTICO DE SOCIOLOGIA: Explorando seus limites e potencialidades

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar no primeiro momento algumas considerações sobre o livro didático e as suas contribuições para o ensino. No segundo momento iremos analisar o livro didático Sociologia-Hoje com a exposição e organização de conceitos que se conectam aos assuntos da Sociologia, pois, na proposta de criar conexões entre os saberes, este livro visa contribuir para o desenvolvimento sociocultural do aluno. Por fim, além da apresentação do livro e o que aborda para o Ensino Médio, teremos no terceiro momento a análise de letras de músicas que são referenciadas a fim de propiciar a abordagem de temas voltados ao ensino da Sociologia.

4.1 O livro didático e as suas contribuições para o ensino

O livro didático organiza informações impressas e o seu manuseio é feito por muitos professores e alunos, principalmente por aqueles que possuem pouco acesso aos bens econômicos e culturais. Desse modo, o livro didático serve de base para o processo de escolarização e letramento em nosso país, pois, na prática torna-se essencial para a estruturação e implantação no mundo da escrita.

Com um caráter disciplinante, e conforme a “lógica” que o orientou, o livro didático organiza os dados, ordena as atividades pedagógicas, pode sugerir atividades complementares, apresentar soluções variadas e estimuladoras que favoreçam uma aprendizagem mais criativa, trazendo situações do cotidiano, explicações de fenômenos interessantes, apresentação de tópicos mais avançados, resolução de problemas mais elaborados, etc. (WUO, 2002, p.164).

Wagner Wuo (2012) refere-se ao livro didático na sua relação com o mundo científico, e afirma ser o divisor entre o mundo científico de referência e que se estabelece como uma matéria para o ensino em sala de aula.

O livro didático serve como um apoio à prática docente e cabe ao professor ter entendimento sobre a sua função na prática pedagógica e na formação do conhecimento científico ao selecionar um material específico ao contexto escolar em que atua. “o livro didático é um documento histórico, sendo um produto das relações socioculturais de forma

simultânea”, (JACQUES LE GOFF, 1996).

A partir da década de 1930, a história dos livros didáticos na educação brasileira, foram estabelecidas por legislações com o objetivo de melhorar o ensino nas escolas permitindo grandes investimentos para a produção do material didático e conceituando o livro como “uma autoridade, uma última instância, o critério absoluto de verdade, o padrão de excelência a ser adotado em sala de aula” (FREITAG, 1989, p.123 – 124). Isto, posto pelo Decreto-Lei nº 8.460, de 26/12/45 que, é consolidada a legislação sobre as condições de produção, importação e utilização do livro didático, restringindo ao professor a escolha do livro a ser utilizado pelos alunos, conforme definido no art. 5º (FNDE/ Ministério da Educação).

A autora Bárbara Freitag reforça em dizer que, o livro didático, “funciona como instrumento de ensino no processo pedagógico em sala de aula; como fonte de lucro e renda para editores e como cabide de empregos para os funcionários e técnicos dos organismos estatais” (FREITAG, 1989, p. 128). Neste sentido, o livro didático além de estar contribuindo no processo ensino-aprendizagem para os alunos em sala de aula e como um material de apoio para os professores, também contribui em seu processo de confecção e produção do material didático, gerando empregos e lucros.

Fagner Carniel doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) destaca que, os materiais didáticos podem ser definidos como artefatos educacionais produzidos a partir da seleção, da montagem, da criação e da organização de determinados repertórios culturais para compor ferramentas pedagógicas. Neste sentido, apresentam-se, como instrumentos de ensino que materializam concepções de educação, de escola, de docência, de currículo, de conhecimento e de aprendizagem.

Assim, podemos ver que no Brasil, o conhecimento sociológico em sua grande parte sendo produzido por materiais didáticos está centralizado nos manuais escolares que se apresentam como bens e mercadorias culturais relevantes para o entendimento da história da educação, da leitura e das disciplinas. Pois, como argumenta Meucci (2020) a concentração dos artefatos utilizados, advém da investigação das condições objetivas da vida intelectual e na reprodução de ideias que forma a “consciência racional” a respeito da sociedade. Tendo a significação de que, os manuais escolares não expressam somente repertórios culturais, mas se formam enquanto agentes das dinâmicas sociais, políticas e pedagógicas.

Com o retorno da Sociologia aos currículos escolares brasileiros que se deu em 2008, e com a sua inclusão no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em 2012, impulsionou para o crescimento das pesquisas sobre manuais escolares, favorecendo de forma autônoma, estudos de materiais didáticos no campo das Ciências Sociais. Os formatos atuais

sinalizam, assim, a emergência de ecologias midiáticas que geram aberturas e impõem limites ao didático no ensino de Sociologia (BUENO; CARNIEL, 2015).

Julia Polessa Maçaira (2019) doutora em Sociologia, apresenta um estudo sobre o livro didático no ensino da Sociologia e nos mostra que, o livro didático, é uma expressão usada no Brasil para designar determinados materiais escritos aqueles cujos são utilizados nas escolas pelos alunos, como também fora das salas de aulas. Segundo Polessa (1920), os livros didáticos definem-se como publicações não- periódicas e são distribuídos de forma pública com registros de respectivos autores que elaboram a partir de suas ideias e dos contextos sócio-históricos em que estão inseridos. No Brasil, podemos ver que, desde 2010 as obras de Sociologia possuem formato especificado no edital do Programa Nacional de Livros Didáticos (PNLD) onde avalia, seleciona e distribui materiais para os estudantes das escolas públicas.

Júlia Polessa (2017) identificou três gerações de livros didáticos do ensino de Sociologia na educação básica do Brasil. Na primeira geração, se tem a publicação de manuais, no ano de 1920 e 1940, representando a sistematização e a rotinização da Sociologia se caracterizando na formação plural de seus autores com suas obras mais abrangentes.

A segunda geração inicia-se após a reinserção da Sociologia no ensino, com a reedicação de obras didáticas de Sociologia já existentes, gerando livros didáticos publicados nos anos de 1980 e 2000 e refletindo sobre os efeitos da posição intermitente da Sociologia nos currículos escolares. Os livros dessa geração ainda guardavam referências e se aproximavam do modelo e do formato dos manuais de cursos de introdução à Sociologia para o ensino superior (SARANDY, 2004). Após o ensino de Sociologia se tornar obrigatório no ensino médio em todo o país em 2008, com a lei nº 11.684, os livros de Sociologia passaram a serem incluídos nas avaliações do PNLD do ensino médio nas edições dos anos de 2012, 2015 e 2018.

A terceira geração surgiu a partir do ano de 2010, ano em que foi publicado as obras de Sociologia submetidas pelo PNLD 2012. O mercado editorial de didáticos de Sociologia passa a ser impactado de forma intensa pelo Governo Federal e por intermédio do Ministério da Educação (MEC) no seu processo de avaliação, seleção, compra e distribuição de materiais didáticos para as escolas.

A partir do momento em que a Sociologia passa a ser inclusa pelo governo em seu programa de compra de livros, ocorre um grande investimento em obras dessa disciplina, com a convocação de autores e com a permissão de projetos de professores que já desenvolviam os seus próprios materiais. Os materiais nesta terceira geração, são caracterizados por estarem mais diagramados, apresentando mais imagens e outros recursos de visões coloridas, onde articulam temas, teorias e conceitos das Ciências Sociais, como as principais referências das disciplinas

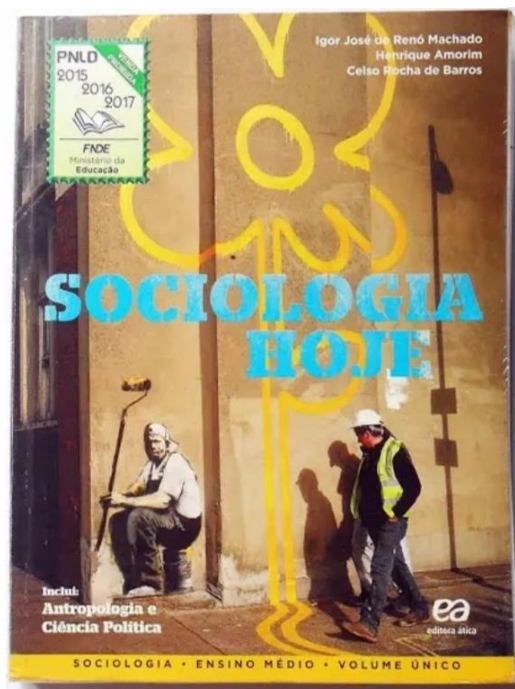
de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, indicando como objetivo o desenvolvimento da imaginação sociológica (DESTERRO, 2016).

Os temas presentes na maioria das obras são coerentes aqueles que são indicados nos currículos estaduais e que formaram o primeiro modelo da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com destaque no trabalho, na cultura e nas desigualdades sociais (MAÇAIRA, 2017). Portanto, abre-se especulações quanto a quarta geração dos livros didáticos de Sociologia de 2021, mas que ficam como um campo investigativo para ser desenvolvido por pesquisadores da área do ensino de Sociologia.

4.2 Análise do livro didático *Sociologia Hoje: Estudo de Caso*

O livro *Sociologia Hoje* consiste num material didático de volume único do Ensino Médio fundamentado na Antropologia e na Ciência Política. Aprovado pelo PNLD - Programa Nacional do Livro, possui vigência entre os anos de 2015 e 2017 pelo FNDE- Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Lançado pela Editora Ática, teve em sua elaboração a participação dos autores: Igor José de Renó Machado, Henrique Amorim e Celso Rocha de Barros, possuindo formação em Ciências Sociais pela Unicamp - Universidade Estadual de Campinas.

Figura 1 – Capa do livro *Sociologia Hoje*



Fonte: MACHADO e col. (2013)

Os autores apresentam o livro no objetivo de aproximar as investigações, reflexões e teorias das Ciências Sociais sobre o cotidiano do aluno, como um instrumento de reflexão crítica no seu dia-a-dia na sociedade em que vivem, como a sua história e o mundo contemporâneo.

A interação das Ciências Sociais está presente em vários aspectos deste livro, portanto, o seu projeto visual tem criação com base na linguagem do grafite, do stencil, dos suportes gráficos e artísticos, nos meios de expressão e comunicação que são visíveis na prática.

O livro possui ações reflexivas que visam dialogar com a realidade do aluno e também com a diversidade de práticas sociais e culturais do país e do mundo. Na exposição dos conceitos, pretende aproximar o aluno dos processos de construção do conhecimento e de outros campos do saber. Os pressupostos teóricos e metodológicos do livro *Sociologia-Hoje* sucedem-se na reflexão sobre a possibilidade de transportar para o Ensino Médio o conhecimento acumulado das Ciências Sociais. O processo de escolarização possui sentidos que se direcionam no investimento de determinadas habilidades que são fundamentais para o aluno do Ensino Médio e na tradução do conhecimento científico em conhecimento escolar, sem redução da potência crítica no processo do pensamento sociológico

O livro é organizado sob três eixos principais, como: assegurar de forma equilibrada o conhecimento mediante a apresentação das três áreas essenciais (Antropologia, Sociologia e Ciência Política). O segundo eixo está na reflexão da relação do conhecimento abstrato à realidade e às especificidades do mundo do aluno e aos processos históricos de produção do conhecimento. E o terceiro eixo liga-se em desenvolver o estímulo de uma “imaginação sociológica” resumida num pensamento crítico sobre o mundo de forma paralela na busca de respostas para as próprias dúvidas.

A estruturação do livro possui instrumentos de ativação do pensamento crítico como os próprios textos dos capítulos que são organizados no sentido de evidenciar determinadas naturalizações, pensadas como pausas reflexivas nas quais o conteúdo teórico pode ser aproximado do cotidiano dos alunos. Portanto, foi pensado de forma conceitual, buscando conexões entre o conhecimento apresentado e a experiência de vida dos alunos, sendo assim, expõe conceitos como *identidade*, *movimentos sociais*, *socialização* e *alteridade*, pois assumem uma dimensão ampliada quando tratados a partir da ótica da *diversidade* e dos significados e contextos locais e regionais.

O livro possui especificidades que se direcionam no pensamento, na diversidade, identidade e desenvolvimento dos alunos. Os conceitos que se estruturam de acordo com as *relações sociais*, *identidade*, *cultura*, *dominação*, *poder*, *ética*, *trabalho* e *cidadania*, foram

sistematizados e equilibrados na composição da obra. A produção do livro teve como propósito refletir em um leque amplo de possibilidades, de forma que possa oferecer possíveis explorações do conteúdo pelo professor e, na utilização deste material, deve ser explorado tudo que possa ser útil para criar conexões entre os saberes. O eixo fundamental desta obra consiste na ação do professor selecionar possibilidades de análise das realidades locais e regionais para que o conteúdo apreendido seja (re)significado e se concretize o diálogo entre teoria e prática.

Em vários momentos da obra propõem um diálogo interdisciplinar, seja com campos do saber diretamente relacionados aos conteúdos das Ciências Sociais (Economia, História, Geografia, Psicologia, Filosofia), seja com outras áreas do conhecimento (Biologia, Matemática e Física). A questão da interdisciplinaridade tem como tarefa romper com os obstáculos impostos por uma forma de pensar advinda das transformações que decorrem do processo de industrialização e da crescente divisão do trabalho e especialização dos saberes, que acompanham as transformações nos processos produtivos e organizacionais da sociedade.

O livro *Sociologia-Hoje* está organizado com uma introdução e três unidades, onde cada unidade está dividida em cinco capítulos. As unidades possuem temas que abordam os três pilares das Ciências Sociais como: Antropologia ligada à cultura, a Sociologia na sociedade, e a Ciência Política no poder e na cidadania. Cada unidade é iniciada com um texto síntese dos temas que compõem juntamente a uma imagem que chama atenção do aluno que é inspirada na estética do grafite, sendo algo como um ponto de partida para o estudo. As atividades variadas e objetivas registradas no livro ajudam a organizar, conhecer e observar as diferentes linguagens inseridas. Além disso, com a exposição de artigos científicos e jornais, quadrinhos, charges e fotos se tem as letras musicais que figuram no fichamento de cada capítulo, sendo estas o objeto principal de nossa análise didática.

Por fim, o livro, tem como proposta apresentar os conteúdos fundamentais de Sociologia, Antropologia e Ciência Política, bem como o pensamento dos estudiosos mais relevantes da área, tanto em nosso país como no cenário internacional. Os autores esperam que o livro contribua para a construção de um mundo mais justo e feliz para todos, onde seja possível viver de forma plena a cidadania.

Assim, tomam como pressuposto que o jovem é um ser completo e capaz de refletir ativamente sobre o mundo, com a intenção de colocar o ponto de vista em consonância com o conhecimento escolarizado das Ciências Sociais.

4.3 Análise das letras de música do livro *Sociologia Hoje*

Nesta análise do livro *Sociologia Hoje* temos como foco principal as letras musicais que se correspondem aos assuntos sociológicos e que são trabalhadas no material didático como forma de interação para com os alunos. A música passa a ser inserida de acordo com as canções de diversas bandas e cantores nacionais que abordam ideologias atreladas aos comportamentos humanos que podem ser contextualizados pelos alunos de forma reflexiva, levando-os a debaterem sobre os temas que o livro aborda.

As canções trabalhadas no livro refletem culturas e estilos diferentes. As letras musicais inseridas neste livro estão conectadas por meio de temas contemporâneos da Sociologia na discussão de questões mais abstratas sobre conceitos e métodos que também incluem os clássicos da área como dentre outros que são relevantes para a área sociológica. Dessa forma, serão analisadas algumas das letras musicais que foram incluídas pelos autores deste livro e identificaremos a relação com os assuntos da Sociologia para apresentarmos os seus sentidos. Sendo assim, dentre tantas letras inseridas neste livro, foram selecionadas três letras musicais de bandas brasileiras, como: *Chico Science e Nação Zumbi*; *Titãs e Paralamas do Sucesso*.

4.3.1 Etnia (Chico Science e Nação Zumbi)

Figura 2 – Página 94 do livro *Sociologia Hoje*

ANTROPOLOGIA BRASILEIRA

INTERAGINDO

1. Considere a letra desta canção de Chico Science e Lucio Maia.

Etnia

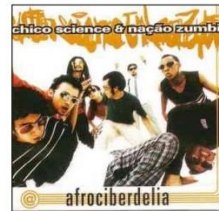
Somos todos juntos uma miscigenação
E não podemos fugir da nossa etnia
Índios, brancos, negros e mestiços
Nada de errado em seus princípios
O seu e o meu são iguais
Corre nas velas sem parar
Costumes, é folclore é tradição
Capoeira que rasga o chão
Samba que sai da favela acabada
É hip hop na minha embolada

É o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com o povo

Por detrás de algo que se esconde
Há sempre uma grande mina de conhecimentos e sentimentos

Não há mistérios em descobrir
O que você tem e o que gosta
Não há mistérios em descobrir
O que você é e o que você faz

Maracatu psicodélico
Capoeira da pesada
Bumba meu rádio
Berimbau elétrico
Frevo, samba e cores
Cores unidas e alegria
Nada de errado em nossa etnia.



Capa do disco de vinil *Afrociberdelia*, de Chico Science e Nação Zumbi.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI: *Afrociberdelia*, 1996. Chaos.

- Essa letra tem relação com vários assuntos tratados neste capítulo. Pense e escreva sobre ao menos duas relações possíveis.

2. Leia um trecho da letra de uma canção de Lenine.

Jack Soul Brasileiro

Jack Soul Brasileiro
É que o som do pandeiro
É certo e tem direção
Já que subi nesse ringue
É o país do swing
É o país da contradição

Eu canto pro rei da levada
Na lei da embolada
Na língua da percussão
A dança, a muganga, o dengo
A ginga do mamulengo
O charme desta nação

LENINE. *Na pressão*, 1999. BMG Brasil.

- Esse trecho da canção de Lenine levanta temas semelhantes aos da canção de Chico Science e Lucio Maia, mas aponta para outra dimensão importante, ausente da canção "Etnia". Qual seria essa diferença? Discuta com seus colegas e relacione esse aspecto ao que você estudou neste capítulo sobre a Antropologia brasileira.

94

Fonte: MACHADO e col. (2013, p. 94)

A Banda *Chico Science e Nação Zumbi* tem como gênero brasileiro o *funk rock*, *rap rock*, *metal alternativo*, *rock psicodélico* e *maracatu*. Esta banda nasceu no início da década de 90 na região de Recife (Pernambuco) e surgiu na época do agravamento da miséria e do desemprego. Além de surgirem com ideias inovadoras para transmitir a real situação que se encontrava o Estado de Pernambuco faziam a diferença mostrando a realidade do Nordeste do Brasil.

Com a grande participação de *Francisco de Assis França* (1966-1997) cantor e compositor brasileiro, o mais conhecido como *Chico Science* assumiu o vocal desta Banda

Nação Zumbi e fez com que esse conjunto musical fosse a porta-voz do movimento, com letras e musicalidade inovadora, ganhando reconhecimento dos meios de comunicação de massa. Dentre os discos a serem lançados pela banda, se tem o segundo disco de nome *Afrociberdelia*, lançado em 15 de maio de 1996, ficando em 18ª lugar na lista de 100 melhores discos da música brasileira da *Revista Rolling Stone Brasil* e ganhando um disco de ouro.

O título *Afrociberdelia* se deu por meio da junção dos nomes África + Cibernética + Psicodelia, pois refletia nas muitas influências da banda dados a ritmos africanos, música eletrônica e rock psicodélico. Este disco, está composto por 23 músicas e na terceira posição encontra-se a música *Etnia* em que possui metáforas ao decorrer da letra fazendo referência ao conceito do Mangubeat e a cidade de Recife. A canção *Etnia* faz visão a preocupação de Chico Science com as *questões sociais e étnicas raciais*, pois se tinha a intenção de unir tribos e raças para se enaltecer as religiões de matriz africanas e assim firmar o bem estar social com o intuito de amenizar o preconceito racial.

A música foi produzida com o propósito de evidenciar a miscigenação do Brasil e de celebrar as raças, como também, devido ao mito da *democracia racial* que surgiu na década de 90 criado pelo sociólogo e escritor Gilberto Freyre (1900-1987), pois na época não havia muitos questionamentos sobre a sociedade brasileira. No entanto, a canção liga-se ao conceito de democracia racial na busca da reflexão da beleza dos grupos étnicos brasileiros.

Esta canção tem relação com a temática do “Capítulo 4” que tem como nome *Antropologia Brasileira*, com especificidade nas *relações raciais e cultura popular*. É exatamente isso, que a música *Etnia* retrata: a discriminação racial existente em nosso país, apesar de ser conhecido pela sua variedade de raças e culturas.

Nos versos iniciais da canção, diz:

“Somos todos juntos uma miscigenação
 E não podemos fugir da nossa etnia
 Índios, brancos, negros e mestiços
 Nada de errado em seus princípios
 O seu e o meu são iguais
 Corre nas veias sem parar
 Costumes, é folclore é tradição
 Capoeira que rasga o chão
 Samba que sai da favela acabada
 É hip hop na minha embolada”

É de fato, observarmos que Chico Science busca exaltar a união entre os povos, como as raças, tribos e entre outras movimentações em prol do bem social. Partindo disso,

podemos ter a reflexão de que nas separações dos sujeitos, estamos interligados em uma rede sem definições da cor da pele e sotaques, não havendo sequer distinções. Onde na verdade, expõe uma crítica a existência da discriminação racial no Brasil, apesar da formação de seu povo ter se baseado na miscigenação de diversos povos.

A canção também faz um protesto em dizer que:

*“É o povo na arte
É arte no povo
E não o povo na arte
De quem faz arte com o povo”*

O autor faz uma crítica sobre a desvalorização cultural, ou seja, sobre aqueles que fazem parte do meio artístico com a função de promover a cultura, como os gestores culturais e as secretarias. Isto pode estar relacionado ao governo brasileiro, que na época da Ditadura Militar (1964) promoveu a desvalorização da cultura nas mais diversas estratégias de coerção e controle social, principalmente, na cultura musical onde muitos artistas como Chico Buarque, Adoniran Barbosa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque, Milton Nascimento, Geraldo Vandré e Zé Keti tiveram suas músicas censuradas durante a Ditadura Militar. Mas que atualmente torna-se perceptível um movimento reacionário em relação as expressões musicais que fazem referência a diversidade.

Na última estrofe dessa canção, Chico Science enaltece as diversas manifestações culturais, mostrando a intensa ligação que tinha com os ritmos regionais, como em unir os elementos culturais brasileiros em um só som, como nos mostra na parte final da canção:

*“Maracatu psicodélico
Capoeira da pesada
Bumba meu rádio
Berimbau elétrico
Frevo, samba e cores
Cores unidas e alegria
Nada de errado em nossa etnia.”*

Fazendo uma análise sociológica nesta canção, podemos refletir em uma das áreas da Antropologia como à Antropologia social e cultural (ou Etnologia) baseada na cultura brasileira como a sua formação, além da formação das diversas culturas. Sendo assim, é relevante citarmos as problemáticas ligadas a produção da diferença cultural, como a inclusão social e o desenvolvimento social.

O Brasil teve como participação na sua formação histórica a vinda dos europeus com fins a exploração e fixando-se em terras brasileiras trouxe mudanças sobre outros povos já

existentes no território. Partindo dessa inclusão de outros povos em colonizar as terras brasileiras como os portugueses, o Brasil, já adentrava em uma fase de mudanças como na sua organização social e cultural, bem como, na formação de novos grupos étnicos somados aos primitivos. Portanto, já se constituía uma noção de cultura inferior e superior advinda de um padrão próprio da cultura europeia, elevando a imagem do homem branco e inferiorizando outros povos como os índios e negros.

Pautando-se nas ideologias ligadas a cultura e a raça, teremos como embasamento teórico para análise em questão as teorias de *Gilberto Freyre* (1900-1987), sociólogo e escritor, pois seus estudos eram voltados para a formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre baseava-se na formação da sociedade brasileira como em sua totalidade por meio de três pilares: branco (europeu), negro (africano) e o indígena (nativo). Desse modo, teve como primeiro plano a *miscigenação* e sendo crucial para a formação brasileira iniciou-se o processo de reprodução entre brancos, negros e indígenas, aumentando cada vez mais mestiços no Brasil.

Assim, podemos refletir de acordo com Ricardo Ossagô de Carvalho com o seu estudo sobre “*A construção da Identidade Brasileira a partir de Gilberto Freire*” (2014), destacando que, “A miscigenação de certa forma era algo positivo, pois possibilitava a melhor adaptação do branco no ambiente tropical, fornecendo assim a mão de obra, o prazer sexual e a constituição de toda uma cultura particular” (CARVALHO, 2014, p.298).

Desse modo, Gilberto Freyre defendia o processo de mestiçagem, compreendendo na sua teoria, segundo Cristina Costa (2001) de que o nacionalismo era a junção de raças, regiões, culturas e grupos sociais, colocando o papel do negro e do mestiço como essenciais na cultura do europeu e na nossa identidade cultural.

Gilberto Freyre em seu livro *Casa-grande e Senzala* publicado no ano de 1936 destaca a cultura brasileira como em seu universo cotidiano. Ele busca se embasar nos aspectos geográficos, como a raça e na formação da cultura brasileira.

Quando foi publicado o livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, em 1933 ocorreu uma mudança no pensamento sobre o caráter das relações raciais existentes no Brasil, Freyre, a partir da década de 1930, estudou o desenvolvimento da temática de um novo mundo nos trópicos, construindo a visão do Brasil como um país quase “livre de preconceito racial”, servindo de espelho para o restante do mundo resolver seus problemas raciais -- que se viram ainda mais destacados a partir da ascensão do fascismo e do nazismo na Europa. Com isso, ao longo do século XX, ganha força a teoria da mestiçagem. (OLIVEIRA e COSTA, 2013, p.281-282).

Neste caso, por influência a obra de Gilberto Freyre (1971), teremos a mestiçagem

dando espaço ao discurso que defende a democracia racial brasileira na ideologia de ter igualdade de tratamento entre os negros e os brancos no âmbito público e privado. Freyre (1997), tinha a concepção de que o enfraquecimento do Brasil estava no problema social e não na mestiçagem, ou seja, firmando-se na ideologia de que a mistura de raças não trazia problemas ao povo brasileiro, mas sim a pobreza em si. No entanto, frisava que a separação dos indivíduos como “superiores” e “inferiores” se dava pela cultura.

O pensamento de Gilberto Freyre na atualidade, causa certos impactos na discussão sobre a formação brasileira ao tentar romantizar a miscigenação, pois sua ideologia quanto ao país era mostrar que não havia racismo. Neste sentido, podemos observar nesta letra da canção *Etnia* que o cantor Chico Science possui pensamento divergente ao de Gilberto Freyre, nos fazendo entender, que o Brasil é visto tanto pelos brasileiros quanto pelo mundo afora como um país que é mestiço, sendo formado por diversas etnias e raças. Contudo, esta miscigenação brasileira não é resultado de uma democracia racial, pois, embora o Brasil seja compreendido pela diversidade de povos, nem todos os indivíduos irão possuir as mesmas oportunidades e tratamentos, tanto pelos cidadãos quanto pelas instituições.

Deste modo, as múltiplas origens- indígena, africana, europeia- não são sinônimo de igualdade de direitos, mesmo que estejam estabelecidos constitucionalmente. Embora o que está contido na Constituição Democrática de 1998 presente, no artigo 3º, objetivos essenciais da República Federativa do Brasil em “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”, as condições não são concretizadas dessa forma.

Portanto, a miscigenação recai uma visão negativa com relação ao desenvolvimento do país. Assim, podemos refletir por meio desta canção que, na atualidade é possível ver o surgimento de um novo período na história brasileira marcado por movimentos sociais encabeçados por populações rejeitadas, cujas demandas nunca foram escutadas até então.

A música apresentada nos abre um leque de possibilidades para se trabalhar em sala de aula. Deste modo, o professor pode estar abrindo reflexões sobre a história das famílias dos alunos e procurando relacioná-las com esses processos históricos da formação brasileira. Neste sentido, pode estar indagando quanto a ascendência dos alunos, investigando em suas pesquisas se possuem ascendência negra, ou europeia, pois, dependendo da sua ascendência, a sua história foi influenciada por essas decisões políticas, assim como a história das gerações futuras que também podem ser afetadas pelas políticas atuais.

4.3.2 Comida (Titãs)

Figura 3 – Página 343 do livro *Sociologia Hoje*

UNIDADE 3 | CAPÍTULO 15

ATIVIDADES

REVENDO

1. Qual é a diferença, sob a ótica de Foucault, entre as formas de punição a criminosos nas sociedades tradicionais e nas sociedades modernas?
2. Cite dois fatores que podem explicar a diminuição da importância da classe social como determinante do voto.
3. Por que, para Inglehart, o progresso econômico pode levar as pessoas a valorizarem mais os valores pós-materiais?
4. Que critérios, para Rawls, poderiam justificar a desigualdade social?
5. Por que instituições políticas mais inclusivas podem favorecer o desenvolvimento?


INTERAGINDO

Considere a seguinte letra de música:

Comida
[...]
A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...
A gente não quer só comida
A gente quer bebida
Diversão, balê
A gente não quer só comida
A gente quer a vida
Como a vida quer...
Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?...
A gente não quer só comer
A gente quer comer
E quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer
Pra aliviar a dor...
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...

TITÃS. *Jesus não tem dentes no país dos banguelas*, WEA, 1987.

- Explique por que a canção "Comida", do grupo de rock brasileiro Titãs, ilustra bem a discussão sobre os valores pós-materialistas debatidos por Inglehart.



Intervenção de grafiteiros anônimos sobre grafite dos irmãos Otávio e Gustavo Pandolfo (OSGEMEOS), em rua do bairro do Cambuci, na cidade de São Paulo (SP), em foto de 2005. A cidade é cenário de sobreposições de referências temporais e expressões artísticas.

343

Fonte: MACHADO e col. (2013, p. 343)

A banda Titãs iniciou-se no ano de 1982 na cidade de São Paulo (Brasil) e tem como gênero musical o rock, punk rock, rock alternativo e o pop rock. Considerada com uma das bandas de rock mais bem sucedidas do país obteve vendas de álbuns chegando a 6,3 milhões e recebendo o Grammy Latino em 2009 e o Troféu Imprensa como melhor banda.

Dentre os álbuns em que a banda alcançou grandes sucessos, se tem o quarto álbum "*Jesus não tem dentes no país dos banguelas*" onde inclui a música "*Comida*" de *Arnaldo Antunes, Marcelo Fromer e Sérgio Britto*. Esta canção *comida* foi lançada em 1987, momento

em que o Brasil vivia o processo de redemocratização após a ditadura civil-militar ser implantada em 1964. A música aborda um tema universal como em discutir o significado do ser humano como as suas necessidades e fomes, ou seja, tratando de um contexto de excitação política em que incluem a canção “*comida*”.

A canção está inserida no “Capítulo 15” possuindo temas *contemporâneos da ciência política* na discussão sobre: uma nova visão de poder, classe social, voto, valores pós-materialistas, filosofia política, Instituições políticas e desenvolvimento econômico. A letra desta canção “*comida*” retrata de forma poética diversos problemas em que os brasileiros enfrentam ainda hoje, como a miséria e a alienação. Sendo assim, podemos observar nos primeiros versos da canção, que diz:

*Bebida é água!
Comida é pasto!
Você tem sede de que?
Você tem fome de que?...*

Os titãs abrem a canção fazendo indagações a respeito do que o indivíduo tem vontade de fazer no que move a sua vida como os seus princípios e desejos, relacionando o lado animal do ser humano com os elementos de subsistência de todos os animais, mas de forma simultânea trazendo uma série de questionamentos quanto as necessidades humanas em que se diferem dos animais irracionais.

*A gente não quer só comida
A gente quer comida
Diversão e arte
A gente não quer só comida
A gente quer saída
Para qualquer parte...*

Os versos trazem respostas no que diz respeito não só ao alimento para dar energia e saúde necessária ao corpo, mas em querer saciar a alma. Os versos acima simbolizam o grito da sociedade brasileira cansada de viver pela metade, como a sua liberdade sendo restringida por uma ditadura como a que surgiu no ano de 1964 pelo regime militar. No entanto, no querer viver a sua dimensão humana, a sua cultura, a sua arte, busca o prazer e o direito de ir e vir para tomar as suas próprias decisões sobre o futuro, na esperança de dias melhores. A partir disso, nos trazendo uma série de questionamentos, apresentando necessidades e desejos além da saciedade orgânica.

*A gente não quer só comer
 A gente quer comer
 E quer fazer amor
 A gente não quer só comer
 A gente quer prazer
 Pra aliviar a dor...
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer dinheiro
 E felicidade
 A gente não quer
 Só dinheiro
 A gente quer inteiro
 E não pela metade...*

Nos trechos acima, Arnaldo Antunes e companhia, expõem desejos essenciais como o dinheiro e à liberdade. Mas o que traz à tona não está apenas no poder aquisitivo, mas sim, no anseio do prazer e do amor, em sentir o sabor das coisas boas da vida. A canção aponta para uma nação que deseja ser livre e com tratamentos mais humanos, pois, a felicidade e a qualidade de vida passam a ser especiais e essenciais para todos. Os temas principais na canção parte do desejo, vontade e necessidade, ou seja, no sentido de que o ser humano não viva apenas para o que se é útil como sua saúde física, ele precisa daquilo que o deixe vivo e feliz.

Fazendo uma análise sociológica desta canção “*Comida*” da Banda Titãs utilizaremos as concepções do cientista político norte-americano Ronald F. Inglehart (1934-2021) que trabalhou na Universidade de Michigan nos Estados Unidos e desenvolveu a teoria do “*desenvolvimento humano*”, enfatizando à adoção de valores pós-materialistas que destacam a qualidade de vida e a autoexpressão como metas individuais e societais. As ideias de Ronald Inglehart tiveram muita influência sobre as pesquisas de Ciência Política e talvez ainda venham se tornar mais relevantes para nós brasileiros.

Em seu livro “*The silent revolution*”, considerado um dos mais profícuos nas Ciências Sociais, foi publicado no final da década de 1970, e como obra principal consolidou-se sobre a tese da revolução silenciosa com a descoberta interessante sobre os países desenvolvidos. A teoria do desenvolvimento humano defendida por Inglehart postula mudanças de forma lenta e gradual nas prioridades valorativas individuais, surgindo assim, nas últimas décadas em escala mundial, os valores pós-materialistas.

Ronald F. Inglehart (1970) fez indagações quanto as visões dos indivíduos sobre a vida. Na sua busca por respostas sobre o desenvolvimento humano, viu a grande diferença entre as concepções dos indivíduos mais velhos para os mais novos. No entanto, explanou o que ambos se identificavam a respeito da vida, onde os mais velhos se interessavam pelo seu bem

estar material como a estabilidade financeira e já os mais novos como os jovens, valorizavam à sua liberdade e autonomia individual, sendo considerado por Inglehart, como valores pós-materialistas.

Dessa forma, podemos estar destacando o que Ronald Inglehart (1970) se baseava quanto aos valores pós-materialistas, sendo, sobretudo, valores ligados à liberdade e à autonomia individual (igualdade entre os indivíduos independente de gênero, cor, raça).

Em seu estudo direcionado sobre a visão de valores dos indivíduos, Ronald Inglehart (1970) destaca que os indivíduos mais jovens se preocupavam, sobretudo, com a necessidade de *sobrevivência* e com a *qualidade de vida*, pois, almejam pelo direito e pelo controle sobre as suas próprias decisões, para que possam viver em um ambiente limpo e sem poluição, querendo desfrutar o lazer.

Segundo Ronald F. Inglehart (1970) conforme os países vão se desenvolvendo mais seus cidadãos começam a priorizar valores pós-materialistas, enquanto o país é desprovido de riquezas, considerado como pobre, priorizam a sobrevivência e a sua segurança, pois há um risco maior de cair na miséria, de passar fome, de dependerem de um governo ineficiente e sem capital. Sendo assim, situações como estas em que diversos países já passaram, são dominados por valores ligados ao bem-estar econômico. Portanto, “as prioridades de um indivíduo refletem o ambiente socioeconômico: atribui-se o maior valor subjetivo àquelas coisas que são relativamente escassas” (INGLEHART, traduzido, 1990, p.68).

Neste sentido, os indivíduos precisariam lutar em seu cotidiano para superar as opressões na sua reprodução física, que são resultantes à escassez de recursos e à violência, pois conseqüentemente tenderiam a se sentir inseguros e priorizariam objetivos ligados ao desenvolvimento material em oposição a metas transcendentais, subjetivas ou de longo prazo. (INGLEHART, 1990, 2001, INGLEHART & WELZEL, 2005).

Essa linha de argumentação de Inglehart e Welzel (2005) nos remete ao princípio da decrescente teoria econômica da utilidade marginal associado ao conceito de hierarquia das necessidades de Abraham Maslow (1988) que se baseava nas necessidades fisiológicas consideradas essenciais do que as de natureza não-fisiológica. Contudo, as posições inferiores nesta hierarquia são ocupadas pelas necessidades sociais, intelectuais e estéticas.

Inglehart (2001) alerta sobre as mudanças em que podem ocorrer no nível tecnológico e econômico sobre a dimensão cultural, não sendo algo tão simples, pois esse processo depende do sentimento de segurança material de forma subjetiva e não do lado objetivo dos indivíduos em nível econômico. Para ele, a percepção desenvolvida por um indivíduo sobre a situação que se encontra, não depende apenas das necessidades fisiológicas

quando são satisfeitas, pois a satisfação dos indivíduos se dá de forma variada em razão a posição do seu entorno cultural e aonde se socializou.

A relação entre o ambiente socioeconômico e as prioridades de valor não é de ajuste imediato: uma defasagem de tempo substancial está envolvida porque, em grande medida, os valores básicos de uma pessoa refletem as condições que prevaleciam durante os anos pré-adultos. (INGLEHART, traduzido, 1990, p.68).

O efeito do desenvolvimento econômico não seria visto de forma imediata sobre o plano das prioridades valorativas, a escassez, estaria na hipótese da interpretação comprometida com a socialização.

Inglehart (1970) nos atenta para a sua concepção de que os mais velhos haviam crescido em períodos de grande escassez, como no ano de 1930 que sofreram com grandes efeitos da grande crise de 1929, com sacrifícios resultantes da Segunda Guerra Mundial, já os mais jovens, haviam sido criados em um ambiente bem mais favorável como nos anos de 1950 e 1960 com épocas de grande prosperidade econômica e com a conquista de inúmeros direitos civis.

Entretanto, é importante citarmos que as gerações que vieram depois revelam um padrão diferente, dando mais importância aos valores pós-materiais, e com decorrências de certas crises econômicas como na década de 70. A partir disso, podemos observar que, com a situação da economia ter piorado, muitos cidadãos voltaram a se preocupar com a sobrevivência econômica.

A análise musical da canção Titãs permite que tenhamos reflexão sobre as relações de poder na sociedade. A canção nos mostra que o poder se expressa nas mais diversas relações sociais, permitindo-nos enxergar sobre a forma em que nós indivíduos e cidadãos nos integramos no meio social regidos por um sistema pré-estabelecido, que por muitas vezes, não nos dar o direito de agir, como nossos comportamentos e ideologias, como vimos nas teorias de Ronald Inglehart (1970), que as necessidades de sobrevivência sempre existirão e o desejo de ter uma existência material digna é algo inteiramente respeitável.

Esta canção também nos abre um leque de possibilidades para ser trabalhada em sala de aula. O professor em sua prática docente pode estar enfatizando de acordo com a temática da canção a fase em que os alunos estão, como a sua adolescência, fase esta que marca a transição entre a infância e a vida adulta. A adolescência é muitas vezes vista como a fase da rebeldia, de contestação dos padrões e na sua constância torna-se a fase dos questionamentos, e até certo ponto, é essencial para desenvolver a capacidade de pensar em si mesmo.

Entretanto, vale a pena o professor manifestar a reflexão sobre os jovens em sala de aula, buscando assim, compreender as formas relativas ao poder existente na família (onde os pais mandam e os filhos obedecem) e se não correm os riscos de se enredar em relações de poder mais sutis. Como por exemplo, se é possível que o mesmo jovem que questiona as ordens da família aceite sem questionar as exigências para participar de grupos sociais em sua escola, como normas e comportamentos referentes a vestuário, consumo e sexualidade comuns entre os jovens modernos.

4.3.3 Capitão de Indústria (Paralamas do Sucesso)

Figura 4 – Página 166 do livro *Sociologia Hoje*

MUNDOS DO TRABALHO

ATIVIDADES

REVENDO

1. Como os clássicos da Sociologia entendem o trabalho?
2. Qual é a diferença entre trabalho e força de trabalho? Como a exploração do trabalho gera alienação no trabalhador coletivo?
3. As reestruturações produtivas são necessárias para o desenvolvimento do capitalismo. Explique isso com base no taylorismo e no fordismo.
4. Quais as diferenças centrais entre o taylor-fordismo e o toyotismo?
5. O que é trabalho imaterial e como ele se diferencia do trabalho material?


INTERAGINDO

Considere a letra da canção a seguir.

Capitão de indústria

Marcos e Paulo Sérgio Valle

*Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, eu acordo pra trabalhar
Eu durmo pra trabalhar
Eu corro pra trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu não vejo além da fumaça
Que passa e polui o ar
Eu nada sei
Eu não vejo além disso tudo
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Eu acordo pra trabalhar
Eu durmo pra trabalhar
Eu corro pra trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro perdido*



Capa do disco 9 Luas.

*Nas coisas que eu criei
E eu não sei
Eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas
Ah, eu acordo pra trabalhar
Eu durmo pra trabalhar
Eu corro pra trabalhar.*

OS PARALAMAS DO SUCESSO.
9 Luas, 1996. EMI.

• De que modo a leitura do capítulo contribui para a análise dessa letra?

166

Fonte: MACHADO e col. (2013, p. 166)

Os Paralamas do Sucesso tiveram seu início no ano de 1982, no município fluminense de Seropédica (Rio de Janeiro). A banda possui até hoje os mesmos integrantes como: Herbet Vianna, Bi Ribeiro, e João Barone. O gênero musical deste grupo envolve rock, rock alternativo e pop rock. O oitavo álbum de estúdio dos Paralamas do Sucesso com nome de “*Nove Luas*” foi lançado no ano de 1996, onde inclui a música “*Capitão de Indústria*”.

A canção “*Capitão de Indústria*” é uma composição do Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle e foi feita para a novela global “Selva de Pedra”. A canção foi lançada em sua trilha sonora no ano de 1972, na voz do cantor mineiro Djalma Dias.

A letra da canção “*Capitão de Indústria*” encontra-se registrada no capítulo 7 que tem como tema “O mundo do trabalho” com especificidades sobre: o trabalho, força de trabalho, alienação e em novas modalidades de trabalho. Portanto, esta canção enfoca a reflexão de um trabalhador a partir da realidade concreta de sua atuação fabril.

Partindo da análise musical, podemos observar nos primeiros versos da canção:

*Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
É quando eu me encontro
Perdido nas coisas que eu criei
E eu não sei
eu não vejo além da fumaça
O amor e as coisas livres,
Coloridas
Nada poluídas*

O eu-lírico desta música nos mostra a representação de um indivíduo consumido pelo trabalho, que reflete sobre a intolerância do descanso e do lazer, deixando de desfrutar das coisas boas da vida, como a liberdade e o amor. Os versos dessa letra indicam que o indivíduo não se permite quebrar a sua rotina, sendo que nem se dá a oportunidade de produzir individualmente na sociedade, apontando para uma necessidade de fuga do indivíduo.

A palavra “*perdido*” na canção expõe um indivíduo confuso ao que faz, não tendo visão do que produz na sua ação de contribuir para a indústria e nem a noção do seu trabalho realizado. Ao citar a palavra “*fumaça*” na canção significa a imagem de um mundo industrializado, mas cercado pela poluição ambiental resultante da liberação de substâncias tóxicas e na queima de combustíveis dos automóveis.

Portanto, os versos apresentam um indivíduo sem saída, sem liberdade de exercer

sua própria identidade, se diluindo somente no papel do trabalhador. O indivíduo procura por respostas para compreender o que produz, não tendo conhecimento nem de si e nem do lugar onde ocupa no mundo. A alienação surge fortemente, pois não tem a possibilidade de dias melhores, apenas com a esperança de se ter uma vida com mais cores e límpida.

*Ah, eu acordo pra trabalhar
eu durmo pra trabalhar
Eu corro pra trabalhar
eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
de nada ter que fazer*

Os versos destacam e dão sentido a jornada de trabalho, como uma vida guiada por normas e metas. Neste caso, o indivíduo pensa apenas na concorrência sobre o cumprimento de metas qualificadas e não tendo de forma alguma um descanso. Isto destaca o indivíduo que não socializa com familiares, priorizando o trabalho e não tendo tempo para o lazer, nem para descansar e relaxar. Dessa forma, mostrando uma vida totalmente direcionada ao trabalho.

Fazendo uma análise sociológica sobre esta canção “Capitão de Indústria” dos “Paralamas do Sucesso” teremos como embasamento teórico, os pensamentos de autores clássicos que fazem um estudo sobre as questões que envolvem o mundo do trabalho, de modo especial, o trabalho na indústria, que muito se contribui no entendimento desta letra musical. Neste caso, teremos Karl Marx (1818-1883) e Max Weber (1864-1920), elegendo o *trabalho* como objeto científico em seus estudos, mesmo se tratando de explicações e métodos de análises diferentes.

O alemão Karl Emil Maximilian Weber, mais conhecido como Max Weber (1864-1920), parte de uma perspectiva diferente. Segundo ele, cada sociedade obedece a situações históricas exclusivas, e no capitalismo, tem o *trabalho* como uma atividade fundamental.

Assim, podemos ver em seu livro *A ética protestante e o Espírito do Capitalismo* (1905), a formação do capitalismo como uma sociedade particular.

A avaliação religiosa do trabalho sistemático, incansável e contínuo na vocação secular como o mais elevado meio de ascetismo e, ao mesmo tempo, a mais segura e mais evidente prova de redenção e de genuína fé, deve ter sido a mais poderosa alavanca concebível para a expansão desta atitude diante da vida, que chamamos aqui de espírito do capitalismo (WEBER, 2009, p 133-134).

Segundo Max Weber, a especificidade do capitalismo está entre o espírito capitalista, de obter mais lucros, e na ética religiosa ligada a uma vida regrada e de autocontrole. A partir disso, com a junção da mente capitalista e a ética protestante, o trabalho passa a ocupar

lugar central, e levando para o protestantismo, se tem a comprovação do praticante em ter sucessos nos negócios por ter sido escolhido por Deus, pois o trabalho árduo e disciplinado com uma vida regrada traz o êxito profissional como sinal da fé.

Um dos elementos fundamentais do espírito do capitalismo moderno é a conduta racional baseada na ideia da vocação, pelo espírito do ascetismo cristão e essa vocação está voltada para o trabalho. Max Weber também trabalhou no conceito do tipo-ideal e sendo como um método de investigação passou a ser valioso para as Ciências Sociais.

Pelo seu conteúdo, essa construção reveste-se do caráter de uma utopia, obtida mediante a acentuação mental de determinados elementos da realidade. A sua relação com os fatos empiricamente dados consiste apenas em que, onde quer que se comprove ou suspeite de que determinadas relações (...) chegaram a atuar em algum grau sobre a realidade, podemos representar e tornar compreensível pragmaticamente a natureza particular dessas relações mediante um tipo-ideal (WEBER, 1982, p. 105).

O tipo-ideal não pode ser encontrado de forma empírica, pois é considerado apenas como um reflexo da realidade, a “construção de tipos ideais abstratos não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio do conhecimento”. (Weber, 1982, p. 108). É neste sentido, que o tipo-ideal seria um método de estudo, permitindo uma análise de um objeto para se chegar a uma conclusão sociológica, ou seja, servindo como um guia para análises posteriores. Portanto, apresenta dentre as formas de legitimação, o *domínio tradicional* com crença na santidade das tradições com poder em virtude dos costumes; o *domínio carismático* baseado no valor pessoal do homem, podendo ser observado não só apenas na atividade política, mas na religião, na arte e na economia. E por fim, o domínio racional legal típico do Estado Moderno, que consiste nas funções públicas instituídas por leis e distribuídas em competências diferenciadas, como a burocracia.

O sociólogo Karl Marx (1818-83) tinha a perspectiva sobre o trabalho de forma histórica como Max Weber (1864-1920). Entretanto, podemos ver que Karl Marx faz uma diferença entre o trabalho em geral e o trabalho particularizado.

O papel da classe trabalhadora parte do princípio de ser uma identidade teórica de Karl Marx com visão teológica da história, direcionando olhares para o problema da alienação humana nas suas mais diversas formas, inclusive no trabalho. Sendo assim, ao entrar em contato com o livro “A situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra” (1845), tornou-se perceptível que a alienação produzida no mundo do trabalho era, portanto, o ventre materno de todas as alienações, como a raiz do “estranhamento” que surgia por meio do sofrimento do homem comum do mundo moderno.

Em seu estudo sobre o *trabalho* e as relações na sociedade capitalista, Karl Marx, em seu livro “O capital”, diz que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo em que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, controla e regula seu intercâmbio material com a natureza. No fim do processo do trabalho, aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador (1978, p. 211-2).

O trabalho em Karl Marx (1867) é uma atividade consciente que recai sobre um objeto e quando se é planejado passa a ser o produto do indivíduo como a objetivação. O trabalho em geral é toda uma atividade que relaciona a humanidade à natureza, isto é, toda e qualquer atividade que pensamos e realizamos. Segundo ele, o trabalho assalariado é uma manifestação histórica de como o capitalismo se organizou como sociedade. Assim, nos traz a visão de que, por consequência, surge a exploração do trabalho assalariado resultando na exploração e dominação do trabalhador capitalista.

A exploração do trabalho assalariado se deu pela reprodução da divisão social em que se constituía pela divisão das classes sociais com a retirada dos meios de produção (terras, ferramentas, animais, etc.) dos pequenos produtores livres, no século XVIII pela burguesia, dessa forma, a classe trabalhadora era forçada a vender o seu trabalho porque teve seus meios de produção tomados historicamente pelos capitalistas. Marx (1867) assinala que a troca de um salário pago pelo capitalista, apesar de aparentar igualdade, na prática se dá de forma desigual.

Ao analisarmos no eu-lírico da canção dos “Paralamas do Sucesso” podemos estar associando ao que Karl Marx apresenta em sua teoria da alienação, onde o trabalhador acredita que está sendo pago pelo seu total de trabalho, mas, na verdade, esse salário representa apenas uma parcela do que foi desenvolvido durante o mês. Esta ação, compreendida por Marx, é identificada como uma troca aparente (ganha pelo trabalho) e algo oculto (ganha apenas parte do trabalho), portanto, está ocultação se dá de forma alienada.

A partir disso, vem o termo bastante usado por Karl Marx, a mais-valia, onde explica a relação de apropriação do trabalho como um todo e o pagamento de apenas uma parte dele, como o valor que o trabalhador produz e o seu salário. O salário sendo parte do valor produzido pelo trabalhador e o restante sendo a mais-valia. Este conceito de mais-valia talvez tenha sido o mais relevante, pois demonstrou uma desigualdade estrutural, como na intensa exploração do trabalhador na produção de mercadorias.

Visto isso, chegamos à conclusão que, a sociedade contemporânea moderna (capitalista), apresenta o trabalho como uma atividade que ocupa boa parte da vida das pessoas,

e que possui indivíduos totalmente comprometidos pelas horas de trabalho submetidos a condições desumanas, pois tudo se volta ao lucro. A canção permite que tenhamos a reflexão sobre determinados casos, como do trabalhador dominado por uma sociedade capitalista baseada na ideologia de que tempo é dinheiro.

A partir da canção, o professor pode estar realizando na prática docente a aplicação de uma atividade em que o aluno possa selecionar um produto específico de seu consumo e descrever o seu processo de produção como as transformações por onde passou e as etapas em que foram realizadas pelos trabalhadores. Assim poderão refletir e questionar se existe a possibilidade de chegar a uma condição mais equilibrada entre trabalhadores e capitalistas. Assim, farão um mergulho no mundo do trabalho, numa perspectiva indutiva com o ponto de vista do trabalho que garante sua vida ou sobrevivência.

4.4 Música, história e memória de Bacabal: uma proposta de atividade

Este tópico baseia-se em uma proposta de atividade onde faz referência a uma canção regional da cidade de Bacabal-MA, portanto, esta canção não se insere no Livro Sociologia-Hoje. A canção “*Sina e Poesia*” possui autoria vinculada ao cantor Zé Lopes e sendo natural de Bacabal, traz à tona registros que se conectam à História, como a memória da cidade.

Figura 5 – Capa do álbum de músicas intitulado *Festa*, do cantor Zé Lopes



Fonte: Blog do Sérgio Matias¹

Disponível em: <<http://www.blogdosergiomatias.com.br/2013/09/simplesmente-ze.html>>. Acesso em: 14 set. 2021

Sina e Poesia

*Oh minha linda cidade
 Princesa do Mearim
 Conta pra mim, tua história
 Desde o princípio quando eras Bacabeira
 Palmeira que morreu no teu viver
 E ressuscitou em teu brasão
 Desenho e fotografia
 Agora canto, tua sina e poesia.
 Pois sobre as pedras portuguesas
 Arrancadas do calçadão
 Vejo a tristeza iluminando
 Os olhos da escuridão
 Que hoje reflete teu futuro
 Teu passado e um pouco mais
 O que aqui já teve e que agora
 Não tem mais
 Grandes usinas beneficiando
 Milho, arroz e algodão
 Lanchas e barcaças
 Escoando a produção
 O som do sino a badalar
 Anunciando a procissão
 Das padroeiras Teresinha e Conceição
 Milton, Adelaide, Jacinto, Dulcineia e Madião
 Seu açaí, bote a banda pra tocar
 Traz Zé de Brito, Dionísio, Jacinto
 Diodíquio, Zezico, Raimundo, cabeça de pinto
 Almerindo, Vicente, Gerson, Getúlio
 Altominho, Mariano e Ribamar
 Mar de Poesias de Fabrício de Moraes
 Brasilino, Márcia Gardênia, Dona Angelina
 Dona Bebê, Cavalcante, Louremar
 Paulo Campos, Cleide, Maciel
 Danilo, Abel, Quício
 Casa Nova e Irimar
 Subiram a rua do fio
 Da Bacabeira, do Maxixe e Axixá
 Quebra coco e tecelão
 Mangueira da salvação
 Beco da bosta e buraco do tatu
 Tibijucuiuí
 Seu Aurindo e Gramichó
 Zé longa e Varchicó
 Claré furão e Tâmió
 Bombom de leite e Pechincha
 E Raimundinho Gangá
 Hoje vai ter vaquejada no parque de exposição
 Tem Balneário e Beira Rio
 Cassino e Caipirão
 Americana em Bacabal é futebol
 Tem gol no Merecão no Correão
 Viva vanguarda, Icarai
 AABB e União
 Salve Carçoço, Pé de Pano e Canecão
 Zequinha Leite, Alberto Cardoso
 Gerson Sales, Dona Zezé
 Francisco Dias
 Raimundo Nunes, Dona Bebê,*

Valdeme Lagos, João Lobo
Pedro Brito, Seu Ninho e Tonhão
Viraram aves, cujo canto é uma oração
Alice Mendes, Elisa Monteiro montaram uma escola no céu
Jean Sousa numa toada, Masoé rabisca o papel
Tonico Eno faz a graça
Seu Rubens capricha no riso
E Evelúcia enche de luz o paraíso
Tua história esqueceu de escrever
Tua memória conserta somente lembraram de esquecer
Jorge Mendonça, Leda Sardinhas, Trinta, Belú
Manoel Quadros, Juarez Almeida, Coelho Dias
Cazuza, Antônio, Raimunda Loiola
Jurandir Lago, João Alberto, José Vieira e Jocimar
Mar de melodias, Zé Jardim e Tchaca Tchá
Joza Laurindo, Lídio, Zeneide, Jesus Laçanda e Chico Lacerda
Lamas, Canários, Raimundo, Sérgio, Lauro Gama e Idió
Estrela Areia Satuba é genial
Carcará é alto astral
Esperança e Juçaral
Asas do Samba é carnaval
Salgueiro Boêmio recordar nunca faz mal
Hoje só resta saudade e nada mais
Das feirinhas culturais
Dos largos dos arraiás
Dos imensos carnavais
Tudo de bom, nada de mau
Serás sempre uma beleza
Santa Edith que te proteja
Minha eterna Bacabal.

ZÉ LOPES, Álbum Festa.

O cantor Zé Lopes, é um cantor natural da cidade de Bacabal-MA que, possui mais de 700 composições na bagagem, 300 são voltadas para ritmos juninos, isto sendo citado por ele em uma entrevista para uma tv local de São Luis -Ma. Zé Lopes já teve diversas músicas gravadas por muitos intérpretes, se considerando até um dos compositores mais gravados do Estado do Maranhão.

As suas canções possuem ritmos variados como xotes, baiões, forró e até toadas de boi. Assim, podemos observar que boa parte de suas canções tem participações de cantores maranhenses como o cantor Papete, Betto Pereira, Flávia Bittencour, Carlinhos veloz, e dentre outros que fazem parte da cultura musical do estado.

A toada “*Sina e Poesia*” do álbum “*Festa*” de Zé Lopes e convidados, homenageia a cidade de Bacabal, registrando personagens que influenciaram no desenvolvimento da cidade, tanto em aspecto político, econômico e cultural. Esta canção teve seu processo criativo realizado no ano 2000 e tem como autoria o próprio cantor Zé Lopes.

Nos primeiros versos da canção “*Sina e Poesia*” em que diz:

*Oh minha linda cidade
Princesa do Mearim
Conta pra mim, tua história
Desde o princípio quando eras Bacabeira
Palmeira que morreu no teu viver
E ressuscitou em teu brasão
Desenho e fotografia
Agora canto, tua sina e poesia.*

Estes versos se remetem a história da cidade, como o seu surgimento, pois, devido a grande quantidade de palmeiras de bacaba existentes desde a sua fundação passou a ser nomeada como Bacabal. O autor da canção cita também sobre o fim da palmeira, pois devido à prática das atividades econômicas, como a agricultura, extrativismo e pecuária provocaram a devastação dos babaçuais, tendo apenas 20% da sua mata original, que, até então era composta por uma vegetação primitiva de floresta e babaçu.

*Pois sobre as pedras portuguesas
Arrancadas do calçadão
Vejo a tristeza iluminando
Os olhos da escuridão
Que hoje reflete teu futuro
Teu passado e um pouco mais
O que aqui já teve e que agora
Não tem mais
Grandes usinas beneficiando
Milho, arroz e algodão
Lanchas e barcaças
Escoando a produção

Lanchas e barcaças
Escoando a produção
O som do sino a badalar
Anunciando a procissão
Das padroeiras Teresinha e Conceição*

Os versos retratam a lembrança de uma cidade que teve influência dos europeus na sua construção e na canção apresenta as mudanças que ocorreram com o passar do tempo. A cidade de Bacabal, no decorrer da década de 1950 teve sua população aumentada devido a imigração nordestina após estradas serem melhoradas, deste modo, o comércio adquiriu novas feições, surgindo novas indústrias. Em aspecto econômico, o algodão e o arroz e até o milho eram bastante produzidos na região. O forte da economia bacabalense foi a produção de algodão com a exportação sendo realizada através do Rio Mearim para São Luís e o mercado externo. Já o arroz era algo primitivo e com manuseios de técnicas sem mecanização, a sua produção se deu de forma intensa nas décadas de 50 a 70. Com a grande produção de arroz e algodão foram sendo instaladas indústrias e usinas no bairro do Ramal, mas foram chegando ao declínio após

a Segunda Guerra Mundial com a venda de fábricas e a instalação de fazendas de criação de gados bovinos, gerando assim, conflitos por posses de terras entre fazendeiros e posseiros.

A canção também apresenta a parte cultural da cidade que, de forma religiosa se tem a padroeira de Bacabal a Santa Terezinha representando a influência da religião católica sobre os bacabalenses. A parte musical, com a formação de músicos e cantores que fizeram participações em eventos da cidade, como em festivais carnavalescos, de samba e de outros estilos que aconteciam em clubes festivos que eram bastante frequentados pelos moradores locais. Na educação, se tem figuras representativas que influenciaram no crescimento educacional e que tiveram seus nomes homenageados em escolas públicas de Bacabal e no esporte com a realização de campeonatos que enchiam as arquibancadas do estádio Correão.

Na política se teve grandes personagens que até hoje são lembrados pela população bacabalense, onde muitos deles administraram a cidade com suas formas peculiares de ação em prol do desenvolvimento da região, tanto na área da educação quanto na saúde, sendo assim, homenageados na canção de Zé Lopes.

Fazendo uma análise sociológica da canção “Sina e Poesia” de Zé Lopes, podemos estar trazendo o tema de representações sociais, como a memória e a cultura, pois como nos apresenta a canção se tem a história local e as suas tradições enfatizadas pelo autor.

Com foco na análise em questão, buscamos citar respectivos teóricos que desenvolveram concepções acerca do tema, como por exemplo o sociólogo e antropólogo Émile Durkheim (1858-1917), com os conceitos de representações coletivas e o psicólogo social romeno Serge Moscovici (1925- 2014), com conceitos pautados nas representações sociais e entre outros citados ao decorrer da análise sociológica.

Émile Durkheim (1970), tratou na maior parte de suas obras as representações coletivas. Segundo o sociólogo francês, estas representações são definidas pelas formas de consciências coletivas, produzidas pelas ações e reações trocadas entre as consciências dos sujeitos. As representações são executadas no cotidiano e desenvolvem-se por meio das relações sociais de forma coletiva e realizam-se em torno do conhecimento e da sociabilidade. As representações se tornam mais do que o conhecimento adquirido pelos indivíduos a partir de vivências, experiências e trocas, mas sim a própria trama que liga a sociedade (DURKHEIM, 1970, p. 41).

Assim, Durkheim promove o estudo das representações como essencial para o estudo da sociedade compreendendo que são modos como a sociedade vê a si mesmo e o mundo que a rodeia, formando a base das representações individuais. As representações em termos teóricos mantêm semelhanças com o conceito de fato social e não podem ser simplesmente

reduzidas aos indivíduos.

Émile Durkheim (2009) centrava na ideia de que o indivíduo nasce da sociedade e não a sociedade nasce dos indivíduos. A realidade *sui generis* acaba com as divergências individuais originando apenas uma unidade formada pelas representações coletivas que são anteriores e exteriores aos indivíduos. Desse modo, não haverá ideias individuais, mas sim de pontos de vista coletivos.

Da mesma forma, se tem Serge Moscovici (1961), com a teoria das representações sociais, com o livro *La représentation sociale de la psychanalyse*. As representações na psicologia, segundo ele, também se dão de forma coletiva, operando por meio dos comportamentos sociais e sendo exploradas no campo da comunicação.

Moscovici recupera as diferenças em que Émile Durkheim formulou sobre as representações individuais (objeto da psicologia) e as representações coletivas (objeto da sociologia). As representações sociais são vistas pelo psicólogo romeno Moscovici como ambientes ligados pelo tempo e tornando-se pré-existentes.

Moscovici (2004) tenta compreender e buscar por conhecimentos de grupos distintos de acordo com a dimensão simbólica em que consolidam conceitos e produzem saberes. As representações sociais agem como consciência subjetiva dos fatos sociais e não está de acordo com a realidade do comportamento social, mas sim com a estruturação do desenvolvimento social. Assim, percebemos o mundo como uma resposta a estímulos do ambiente, como destaca Moscovici:

O mundo em que vivemos é totalmente social, portanto: nós nunca conseguiremos nenhuma informação que não tenha sido distorcida por representações “superimpostas” aos objetos e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis. Quando contemplamos esses indivíduos e objetos, nossa predisposição genética herdada, as imagens e hábitos que nós já aprendemos, as suas recordações que nós preservamos e nossas categorias culturais, tudo isso se junta para fazê-las tais como as vemos. (2004, p. 33)

As representações sociais, por um lado, estão presas a uma história já formada, mas de outro, adquirem a elasticidade da linguagem com a mudança de tempo.

Moscovici (2004, p.57), nos fala que, “o pensamento social deve mais à convenção e a memória do que à razão. Neste sentido, podemos dizer, que as memórias de uma época são retransmitidas, o que pode ser recuperado é a imagem cheios de signos ligado ao presente e com resíduos do passado.

Jacques Le Goff (1997), traz a concepção de que a história não é uma verdade

absoluta. Pois, para ele, as imagens dos próprios indivíduos e dos outros formadas por traços do passado e apresentadas por várias vozes permitem o firmamento de um retrato cheio de retalhos no presente, formado por imagens, afetos e percepções.

De fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores. Estes materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. (LE GOFF, 1997, p. 536)

Neste sentido, o comportamento cotidiano de uma sociedade, como os seus valores e a moral em um determinado período estão inseridos em pequenos vestígios por imagens rememoradas. A história também está inserida em um contexto social, as pessoas acabam por reconstruir lembranças e, a partir delas, formam representações do passado. A lembrança, é uma imagem engajada sobre outras imagens (Maurice Halbwachs, 2006).

Pierre Nora (1993), um contemporâneo de Halbwachs apresenta um estudo mais intenso voltado a memória. Segundo ele, a compreensão do que se vive o hoje, torna-se um presente contínuo. Ainda reforça em dizer que, os lugares em que a memória se solidifica não acontece de forma natural, mas sim em que surge por arquivos, celebrações e com datas específicas para que as lembranças sejam eternas. “Os dois grandes temas de inteligibilidade da história, ao menos a partir dos tempos modernos, progresso e decadência, ambos exprimiam bem esse culto da continuidade, a certeza de saber a quem e ao que devíamos o que somos”. (NORA, 1993, p.19).

Porém, o que se torna oportuno na produção intelectual sobre o passado é a ruptura, a divisão de um tempo do outro, deixando pistas e causando intervenções entre os tempos e os discursos. E para que haja um sentimento do passado, é importante que aconteça uma abertura entre o presente e o passado.

Assim, podemos trazer também concepções de Michel Pollack (1948-1992) na sua percepção sobre a memória, destacando que a sua formação surge por meio de acontecimentos diretos, mas também indiretos. No entanto, a memória é uma construção coletiva, manifestada de forma seletiva e não isolada, surgindo na dimensão social para que haja afirmação de identidades. Em seu texto *memória, esquecimento e silêncio* (1989) destaca a cercado esquecimento, que pode ser intencional ou não, bem como o silêncio adotado pelo indivíduo causado por traumas pessoais decorrentes de situações desagradáveis.

O francês Maurice Halbwachs (1877-1945) é um autor teórico que também

trabalhou no campo sociológico com o tema “*memória*”. Assim, ele destaca que a “*memória coletiva*” (2006) pertence a três eixos em seu desenvolvimento, sendo definidos em: memória individual, memória coletiva. A *memória individual* segundo Halbwachs, é a mais fugidia, aquela em que se alicerça apenas no indivíduo para se equilibrar, o indivíduo precisa apoiar-se em grupo no qual foi inserido para confrontar suas memórias. A *memória coletiva* configura-se primeiramente na memória individual para se estruturar como memória de um grupo social.

Esta canção também pode abrir um leque de possibilidades para se trabalhar em sala de aula. No entanto, por ser uma canção regional que trata de homenagear a cidade de Bacabal, o professor, pode estar trabalhando com os elementos inseridos na canção. Neste caso, pode pôr em prática atividades que possam ser realizadas fora da sala de aula, como em pesquisas feitas por alunos na identificação de personagens que foram citados na canção e que foram importantes no desenvolvimento da cidade, tanto em aspecto político, econômico e cultural. Portanto, o aluno, poderá escolher um ou mais personagens na sua pesquisa e quanto a sua busca por informações das pessoas selecionadas, podem estar entrevistando familiares ou pessoas próximas que tiveram conhecimento sobre os mesmos, ou em até pesquisas feitas pela internet. Deste modo, o professor, estará fazendo um resgate da memória da história de Bacabal e estimulando a continuidade dessa memória.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade deste trabalho se corresponde na exposição do problema: como a música pode se um recurso dinamizador no processo ensino-aprendizagem da Sociologia? No entanto, tendo como objetivo geral: explorar as intersecções entre Ensino de Sociologia, Música e formação cidadã, recorrendo à análise dos modos como a música é discutida no livro Sociologia-Hoje. E com objetivos específicos pautados em desenvolver métodos e formas de inserir a música na Sociologia como a sua eficácia para a compreensão dos assuntos sociológicos; propor a utilização da música como uma ferramenta dinamizadora no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de Sociologia e refletir sobre as mudanças que podem ocorrer na sala de aula, na disciplina de Sociologia, por meio deste recurso didático alternativo que é a música.

Neste sentido, no intuito de relacionarmos a música com a Sociologia temos como proposta tornar as aulas mais lúdicas e prazerosas, refletindo nas mudanças em que podem ocorrer em sala de aula, pois, o uso da ferramenta musical neste ensino liga-se na busca de novas alternativas para tornar o trabalho docente mais flexível e criativo.

A Sociologia em seu estudo científico baseado na organização e no funcionamento das sociedades humanas sobre as relações sociais e em instituições regidos por lei, nos mostra ser uma área relevante para o crescimento dos indivíduos, pois se fundamenta na observação dos fatos sociais, como no comportamento humano. Desta forma, para contribuir ainda mais este ensino de forma eficaz propomos a música em que passa estar designada a se correlacionar com os assuntos sociológicos contribuindo para a aprendizagem.

Estudos desta natureza são muito importantes, pois discutem exatamente sobre metodologias de ensino e estimulam o aprimoramento da aprendizagem. Assim, enfatizam a análise dos recursos didáticos que os professores aplicam em sala de aula, demonstrando a deficiência dos métodos tradicionais utilizados e que apenas funcionam para inserir os assuntos na sala de aula, sem inovação e dinamismo. E isso, torna cada vez mais o ensino cansativo e desestimulante para os discentes. Portanto, o uso das letras musicais pode facilitar na transmissão dos assuntos.

A pesquisa tem o potencial de contribuir com a reflexão sobre a necessidade do fortalecimento do ensino na atualidade e sobre a melhoria da relação professor-aluno por meio da música nos estudos sociológicos. Então a realização deste trabalho se faz necessária, pois auxiliará na melhoria do processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Benigna M. da Rosa. Et al. Sociologia em Ato: **Manual de Atividade em Sociologia para o Ensino Médio: reorientação curricular - Sociologia**. Disponível em: <http://www.conexao professor.rj.gov.br/downloads/sociologia1.pdf>. Acessado em 01 de nov. 2012.

ALVES, Ellen Pyles Pereira. **Ensino de Sociologia em Debate**. Edição N°. 9, Vol. 1, jan./dez. 2019.

ARAÚJO, Glauco Ludwig. Sociologia para não sociólogos: **Os clássicos da sociologia: Durkheim, Weber e Marx**/ Glauco Ludwig, Ivan Penteado Dourado, Vinicius Rauber e Souza. -Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016. 3.200 Kb; PDF, - (Didática).

BAUMAN, Zigmunt. MAY, Tim. **Aprendendo a pensar sociologicamente**. Trad. Alexandre Wernek. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUAB, Magiba. **História da Educação Musical**. Rio de Janeiro: Editora Livros Organização Simões, 1960.

BOURDIEU, Pierre et al. **Lições da Aula**. São Paulo, Editora Ática S.A., 1988.

BONA, Paschoal. **Método Musical**. São Paulo: Augusto, 2002.

_____. Os usos sociais da Ciência: **Por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BODART, Cristiano; GIGALES, Marcelo. Dossiê. **História do Ensino de Sociologia**. Revista Café com Sociologia.V.4, nº 3, dezembro de 2015.

BODART, Cristiano das Neves. Café com Sociologia, **Revista do professor e estudante de sociologia**, Vol.1, ano 1, ed.1. Nov. 2012

_____. **O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia**. Café com Sociologia, Revista do professor e estudante de Sociologia, Vol. 1, ano 1, ed.1, Nov. 2012.

_____. Os usos sociais da Ciência: **por uma sociologia clínica do campo científico**. Trad. Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BRASIL. Lei N° 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**-versão ago. 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental, Arte/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**,

Ensino de quinta à oitava séries, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. PCN. **Parâmetros Curriculares Nacionais- Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas tecnologias**. Brasília, 2000.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003. Pg 35. Ciências Humanas e suas Tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: **Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006**. 133 p. (Orientações curriculares para o ensino médio; volume 3).

BRUNETTA, Antonio Alberto (org.); BODART, Cristiano das Neves (org.); CIGALES, Marcelo Pinheiro (org.). **Dicionário do Ensino de Sociologia**. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2020.

CARVALHO, Ricardo Ossagô de. **A Construção da Identidade Brasileira a Partir de Gilberto Freyre**. Oficina do Historiador, Porto Alegre/RS, p. 293-304, maio. 2014

COMIM, André Alvarez Grohe; MOURAD, Leonice Alves Pereira. **O uso da Música como um recurso pedagógico para o ensino de Ciências Sociais no Ensino Médio**. Ciências Sociais da UFSM, 2015.

Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. 133 p. (**Orientações curriculares para o ensino médio ; volume 3**)

CHALHUB, Samira. **Funções de Linguagem**. 7ª ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 6 ed. Campinas SP: Autores associados, 2003.

Diretrizes Curriculares de Arte para os Anos Finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Curitiba: 2008.

Dicionário do Ensino de Sociologia / Organizadores: Antonio Alberto Brunetta, Cristiano das Neves Bodart e Marcelo Pinheiro Cigales; Prefácio de Carlos Benedito Martins.--1. ed. - Maceió, AL : Editora Café com Sociologia, 2020.

Diretrizes Curriculares da Educação Básica. **Sociologia**. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. 2008.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo. Melhoramentos, 1975.

_____. Sociologia e Filosofia. Rio de Janeiro e São Paulo: Forense, 1970 [1906].

_____, **As regras do método sociológico**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martins Claret, 2005 a.

EDUCAÇÃO: **Teoria e Prática**/ Rio Claro/ Vol. 25, n.48/ p. 390-395/ Mai-ago. 2015.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**, 1897-1990.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis Chateaubriand-Pr, 2001, 40f. Monografia (especialização em Psicopedagogia) - Centro Técnico- Educacional Superior do Oeste Paranaense- CTESOAP/CAEDRHS.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2ª edição. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1986.

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

FERNANDES, Florestan. **A Sociologia no Brasil.** Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FIORELLI, Ileizi. **A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina.** Cronos, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul. /dez. 2007.

FILHO, Ruy Leite Berguer. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio.** Secretaria de Educação Média e Tecnológica.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: **Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: 1996.

FREITAG, Bárbara; MOTTA, Valéria Rodrigues; COSTA, Wanderley Ferreira da. **O livro didático em questão.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FRIDMAN, Luiz Carlos. **Emile Durkheim e Max Weber: socialismo.** Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1993.

GIANOTTI, José Arthur. DURKHEIM. E. São Paulo: **abril Cultural (coleção os pensadores)**, 1978.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia/** Polity Press em associação com Blackwell Publishers Ltd, 2001- Edição da FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN Av.de Bema I Lisboa, 2008.

INGLEHART, Ronald. **The silent revolution Princeton:** Princeton University Press, 1977.

_____. **Culture shift in advanced industrial society Princeton:** Princeton University Press, 1990.

_____. Modernización y posmodernización: **el cambio cultural, económico y político en 43 sociedades.** Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno, 2001.

INGLEHART, Ronald; WELZEL, Christian. *Modernization, cultural change, and democracy: the human development sequence.* New York: Cambridge University Press, 2005.

ISABEL, Feix. **Representações sociais, memória e cultura:** a sociedade de consumo e seus estilos de vida imaginados. PUC-Rio.

KOELLHEUTTER, Hans J. O centro de pesquisa de música contemporânea da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais: **uma nova proposta de ensino musical.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM MÚSICA, 2,1985, São João del Rei, 1994.

_____. Educação musical no terceiro mundo. Cadernos de Estudo: **Educação Musical**. São Paulo, n. 1, p. 1-8, 1990.

LAHIRE, Bernard. Viver e Interpretar o mundo social: **para que serve o ensino da Sociologia?** Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 45, n. 1, jan/jun, 2014, p. 45-61.

LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia geral**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 1990.

LEGOFF, Jacques. **História e Memória**. In: Enciclopédia Einaudi. V1. Portugal: Imprensa Nacional, 1997.

_____. **História e memória**. 4ª ed. Campinas, SP: Editora, UNICAMP, 1996.

LIMA, Elício Gomes. **Para compreender o livro didático como objeto de pesquisa**. Educação e Fronteiras On-Line, Dourados/MS, v.2, n.4, p.143-155, jan/abr. 2012

LOUREIRO, Alicia Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: Um estudo exploratório**. Mestrado em Educação da PUC/Minas. Belo Horizonte, 2001.

_____. **O ensino de música na escola fundamental**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LUCAS, Amanda Fará De. Da lama ao caos e afrociberdelia: **memórias e narrativas da banda Nação Zumbi na construção da história do movimento mangubeat**. Niterói 2017.

MACHADO, Igor José de Renó; AMORIM, Henrique; BARROS, Celso Rocha de . **Sociologia Hoje**. Volume único: Ensino médio -1. ed.- São Paulo: Ática, 2013.

MAIÇARA, Julia Polessa. O ensino de Ciências Sociais no Brasil (1920-2019): **um século, três gerações de livros didáticos de Sociologia**.

MALISKA, Marcos Augusto. **Marx Weber e o Estado Racional Moderno**. Revista Eletrônica do CEJUR, v. 1, n. 1, ago./dez. 2006.

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é Sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos: 57).

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Lisboa Editorial Avante, 1997. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/marx/1848/ManifestoDoPartidoComunista/index.htm>. Acesso em 19 out. 2015.

MAZZA, Débora. **A história da sociologia no Brasil contada pela ótica da sociologia da educação**. In: Maria de Lurdes Rangel Tura (org). Sociologia para educadores. 4ª ed. Rio de Janeiro: 2006.

MILLS, Wright C. **A imaginação sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOLIN, Naiara Dal; CIGALES, Marcelo Pinheiro. **O ensino de Ciência Política e a Música no Livro Didático**. Belo Horizonte 30 de Agosto a 02 de Setembro de 2016.

MOSCOVICI, S. **La représentation sociale de la psychanalyse**. Paris: PUF, 1961.

_____, **O Capital** livro I- capítulo VI (inédito), São Paulo : Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

_____, **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MURRIE, Zuleika Felice. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Ensino Médio. 2000.

NORA, Pierre. **Entre memória e História: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Amurabi. **O currículo de Sociologia na Escola: Um campo em Construção (edisputa)** 2013.

ONGARO, Carina de Faveri; SILVA, Cristiane de Souza e RICCI, Sandra Mara; **A Importância da Música na Aprendizagem**. UNIMEO/CTESOP, 2006.

PALES, Isamar Marques Cândido. **Conteúdo Musical na Educação Básica: A importância da Lei 11.769/2008- UNIGRAD/ BRA**.

PEREIRA, Luíza Helena. **Qualificando Futuros Professores de Sociologia**. MEDIAÇÕES, LONDRINA, V. 12, N. 1, P. 143-158, JAN/jun. 2007.

PINHEIRO, E. A. et. al. **O nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga**. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v.14, n. 23, 2º sem/2004, p. 103-111.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992.

QUEIROZ, Luiz Ricardo Silva. **Reflexões sobre o ensino da música nas escolas de Educação Básica**. Palestra gravado no dia 26 de Fevereiro de 2014- Auditório Fernando Coelho na Escola de Música- Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5CwwarfsBbs>. Acesso em 26 Abri, 2015.

REIS, Sandra Loureiro de Freitas. **Educação artística**. 2.ed. ver. Aum. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

_____. Conclusões de uma pesquisa sobre os fundamentos filosóficos de uma prática em educação musical no século XX. **Série Fundamentos da Educação Musical**, Salvador, n 4, p. 185-190, out, 1998.

RIBEIRO, Ednaldo. **A consistência das medidas de pós-materialismo: testando a validade dos índices propostos por R, Inglehart no contexto brasileiro**. Soc. estado. 22 (2) • Ago 2007.

SANTOS, Mario Bispo dos. **A Sociologia no Contexto das Reformas do Ensino Médio**. In: CARVALHO, Lejeune Mato Grosso de (org.). **Sociologia e ensino em debate**. Ijuí: Editora

Unijuí, p.131-180, 2004.

SILVEIRA, Carlos Roberto da; RIBEIRO, Alan Barcelos. **O pensamento filosófico sobre a música e suas possíveis contribuições para a educação musical brasileira.** Faculdade Católica de Pouso Alegre. Theoria- Revista Eletrônica de Filosofia, 2012.

Sociologia clássica: **Marx, Durkheim e Weber/** Carlos Eduardo Sell. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. - (Coleção Sociologia).

SCHOPENHAUER, Arthur. **Metafísica do Belo**, Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SNYDERS, George. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** São Paulo: Cortez, 1992.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia Clássica.** Editora Univali.

STEDILE, Maria Inez. **O professor como Gestor da sala de aula.** Umuarama- Paraná (Maringá) , 2009.

Um toque de clássicos: **Marx, Weber e Durkheim/** Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa, Márcia Gardênia de Oliveira. – 2. ed. rev. amp. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

WEBER, Max. Economia e Sociedade: **Fundamentos da Sociologia compreensiva.** Brasília: UnB, 2004.

_____, **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Tradução Pietro Nassetti. 4 ed. 6. reimp. São Paulo: Martin Claret, 2009.

WEBER, M. **A “objetividade” nas Ciências Sociais.** In: Gabriel Cohn (org). Max Weber. Trad. de Amélia Cohn e Gabriel Cohn. 2 ed. São Paulo: Ática, 1982.

WUO, Wagner. O ensino de física: **saber científico, livros e prática docente.** In: BUENO, José Geraldo Silveira (org). Escolarização, práticas didáticas, controle e organização do ensino. 1ª ed., Araraquara: J. M. Editores, 2002.